



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - (FALLA)
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS ESPANHOL**

ANA ALUSKA FERREIRA SOUSA

***LA TURBIA FAMA: AS RELAÇÕES DE PODER E SUBMISSÃO NO CONTO “SI ME
TOCARAS EL CORAZÓN” DE ISABEL ALLENDE***

**CAMPINA GRANDE
2024**

ANA ALUSKA FERREIRA SOUSA

***LA TURBIA FAMA: AS RELAÇÕES DE PODER E SUBMISSÃO NO CONTO
“SI ME TOCARAS EL CORAZÓN” DE ISABEL ALLENDE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Espanhol.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725t Sousa, Ana Aluska Ferreira.
La turbia fama: as relações de poder e submissão no conto
"Si me tocaras el corazón" de Isabel Allende [manuscrito] / Ana
Aluska Ferreira Sousa. - 2024.
58 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de
Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thales Lamoniér Guedes Campos,
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - FALLA".

1. Análise literária. 2. Relações de poder. 3. Violência. 4.
Submissão. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ANA ALUSKA FERREIRA SOUSA

*LA TURBIA FAMA: AS RELAÇÕES DE PODER E SUBMISSÃO NO CONTO "SI ME
TOCARAS EL CORAZÓN" DE ISABEL ALLENDE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras Espanhol da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras Espanhol.

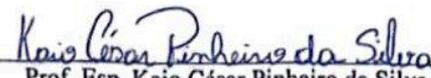
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 27/11/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Thales Lamoniér Guedes Campos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Alessandro Giordano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Esp. Kaio César Pinheiro da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha mãe, Ana Maria da Silva Ferreira, por genuinamente incentivar todos os meus voos e me inspirar a não temer a aterrissagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda proteção, e em sua infinita bondade me permitir viver, me mover e existir.

À minha mãe, Ana Maria da Silva Ferreira, por não economizar nas orações, por ser a minha maior inspiração no mundo e a maior precursora e incentivadora de todos os meus sonhos e objetivos na vida. Agradeço também ao meu pai, Romualdo de Sousa, por todas as renúncias e dedicação que teve ao longo da vida para proporcionar o melhor.

À minha irmã, Ramayanne Ferreira, por toda sua lealdade e torcida. Também a minha tia, Ângela Ferreira, a quem tenho imensa sorte e gratidão de ter como amiga, conselheira e família.

Aos meus avós (*in memoriam*), por fazerem parte de todas as minhas melhores lembranças afetivas, e por todos os esforços que fizeram para nos mantermos firmes.

Agradeço ao meu companheiro e aos queridos amigos, em especial, Mariane Guimarães, por não hesitar em me apoiar em todos os momentos.

Aos meus companheiros de jornada acadêmica, em destaque, Alice Amorim, amiga e parceira com quem dividi muitas das etapas vivenciadas ao longo do curso e tornou-se um alicerce para além da universidade. Agradeço também, a Iallif Natan, Keila Rocha, Natália Emanuely, Pedro Paulo e Priscila Queila, pela amizade e por compartilharmos todos os processos de forma mais leve e alegre.

Ao meu orientador, Thales Lamoniêr Guedes Campos, sou grata por todo o suporte ao longo do curso e nesta pesquisa. Bem como, por ser um exemplo de dedicação e amor à licenciatura, por demonstrar que o curso de letras espanhol é riquíssimo em arte, literatura, cultura e política.

Aos professores do Curso de Letras Espanhol (UEPB), Alessandro Giordano, Gilda Carneiro, Isabela Cristina, Kaio César, Maria José, Thales Lamoniêr e Thays Albuquerque, por compartilharem toda a sua experiência, e contribuírem de forma teórica e prática ao longo desses anos para o desenvolvimento dos discentes.

RESUMO

Sabe-se que o poder, enquanto relação, possui um certo grau de desequilíbrio quando exercido de forma incorreta, seja no âmbito estatal, político ou financeiro. Nas relações de poder, quem detém maiores recursos é responsável pela tomada de decisões, ainda que estas sejam exageradas ou negativas. Ao analisar uma sociedade moldada pelo estilo patriarcal (Saffioti, 2015), em que a figura masculina historicamente se sobrepõe à feminina, e na América Latina este conflito nas relações torna-se ainda mais evidente. Nesse contexto, este estudo tem por objetivo analisar como estão representadas e as consequências acarretadas das relações de poder e submissão na construção dos personagens, Amadeo Peralta e Hortensia no conto “Si me Tocas el Corazón”, parte da obra *Cuentos de Eva Luna* (2018), da escritora chilena Isabel Allende. Além de investigar as consequências da dominação exercida por Peralta, bem como, verificar o impacto dos meios de manutenção do poder, como o sistema patriarcal e a submissão na perda de identidade pessoal de Hortensia. Utilizando uma abordagem qualitativa com foco na análise de conteúdo, a pesquisa discute o desequilíbrio nas relações de poder, especialmente em contextos patriarcais e de dominação masculina, fundamentando-se nas teorias de Foucault (1979, 2006), Weber (1999) e Bourdieu (1989, 2012). O conto explora a relação abusiva entre Amadeo Peralta, um homem com fama obscura e perigosa, e Hortensia, uma jovem mantida em cárcere privado por 47 anos, marcada pela violência física e psicológica, o que resulta em perda de identidade. A submissão de Hortensia é analisada à luz das ideias de Beauvoir (1970) e García (2020), questionando se tal submissão foi natural ou consequência de forças impostas. Além disso, este trabalho baseia-se em fontes como a obra *Mujeres de alma mía* (2021), uma homepage dedicada à vida e obra de Allende (2024) e uma entrevista concedida ao canal Telemundo (2017), para contextualizar as influências e a visão da autora sobre as relações de poder e gênero. Sendo assim, em decorrência ao poder, entendemos que nas relações sociais, o poder sempre existiu e vai continuar existindo, no entanto, a maneira com que apodera-se dele vai determinar o curso destas interações sociais e amorosas, pois em uso desequilibrado esse poder acarreta em diversos tipos de violência e dependência.

Palavras-Chave: Isabel Allende; Relações de Poder; Si me tocaras el corazón; Submissão; Violência.

RESUMEN

Se sabe que el poder, como relación, posee un cierto grado de desequilibrio cuando se ejerce de manera incorrecta, ya sea en el ámbito estatal, político o financiero. En las relaciones de poder, quien detenta mayores recursos es responsable de la toma de decisiones, aunque estas sean exageradas o negativas. Al analizar una sociedad moldeada por el estilo patriarcal (Saffioti, 2015), donde la figura masculina históricamente se sobrepone a la femenina, este conflicto en las relaciones se hace aún más evidente en América Latina. En este contexto, el presente estudio tiene como objetivo analizar cómo están representadas y cuáles son las consecuencias derivadas de las relaciones de poder y sumisión en la construcción de los personajes Amadeo Peralta y Hortensia en el cuento “Si me tocas el corazón”, parte de la obra *Cuentos de Eva Luna* (2018), de la escritora chilena Isabel Allende. Además, investiga las consecuencias de la dominación ejercida por Peralta, así como examina el impacto de los medios de mantenimiento del poder, como el sistema patriarcal y la sumisión, en la pérdida de identidad personal de Hortensia. Utilizando un enfoque cualitativo centrado en el análisis de contenido, la investigación discute el desequilibrio en las relaciones de poder, especialmente en contextos patriarcales y de dominación masculina, fundamentándose en las teorías de Foucault (1979, 2006), Weber (1999) y Bourdieu (1989, 2012). El cuento explora la relación abusiva entre Amadeo Peralta, un hombre de fama oscura y peligrosa, y Hortensia, una joven mantenida en cautiverio durante 47 años, marcada por violencia física y psicológica, lo que resulta en la pérdida de su identidad. La sumisión de Hortensia se analiza a la luz de las ideas de Beauvoir (1970) y García (2020), cuestionando si dicha sumisión fue natural o una consecuencia de fuerzas impuestas. Además, este trabajo se basa en fuentes como la obra *Mujeres de alma mía* (2021), una página web dedicada a la vida y obra de Allende (2024) y una entrevista concedida al canal Telemundo (2017), para contextualizar las influencias y la visión de la autora sobre las relaciones de poder y género. Por lo tanto, con respecto al poder, entendemos que en las relaciones sociales este siempre ha existido y continuará existiendo; sin embargo, la manera en que se ejerce determinará el curso de dichas interacciones sociales y amorosas, pues un uso desequilibrado de este poder genera diversos tipos de violencia y dependencia.

Palabras-Clave: Isabel Allende; Relaciones de Poder; Si me tocaras el corazón; Sumisión; Violencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quatro gerações: Allende, seu avô, Panchita e Paula.....	28
Figura 2 – Allende na Marcha das Mulheres de 2017.....	29
Figura 3 – Allende iniciando a escrita de seu primeiro romance em Caracas (1982).....	30
Figura 4 – Allende recebendo a Medalha da Liberdade em 2014.....	31
Figura 5 – Capa do livro <i>Cuentos de Eva Luna</i>	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DE PODER.....	14
2.1	A Dominação Masculina como um Mecanismo de Poder.....	17
2.2	A Perspectiva da Submissão Feminina em Consequência das relações de poder.....	19
2.3	Submissão e Violência: Um Reflexo do Patriarcado no Contexto das Relações na América Latina.....	22
3	CONHECENDO A AUTORA: VIDA E OBRA DE ISABEL ALLENDE...	26
3.1	<i>Cuentos de Eva Luna</i>.....	32
4	A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE MANUTENÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO CONTO <i>SI ME TOCARAS EL CORAZÓN</i>.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS.....	45
	ANEXO A – CONTO: SI ME TOCARAS EL CORAZÓN.....	48

1 INTRODUÇÃO

As relações de poder permeiam diversos contextos sociais e organizacionais, envolvendo elementos de controle, influência e autoridade que definem quem toma decisões e detém recursos. Essas interações, podem se manifestar de maneiras distintas dependendo do contexto em que são operadas. Assim, o poder nas relações se expressa através de normas formais e legítimas, como acontece nas instituições, através de interações cotidianas e nas relações amorosas.

O poder na concepção de Michel Foucault não é uma “coisa” ou algo materializado, mas sim uma relação, que permeia todos os espaços e corpos sociais, não está centralizado apenas em uma instituição ou indivíduo. Diante disso, Foucault (2006, p.262), expressa que:

O poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se trata os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre homens e as mulheres (...) todas essas relações são relações políticas. Só podemos mudar a sociedade sob a condição de mudar essas relações.

A partir da concepção de poder do psicólogo e filósofo Foucault, compreendemos nesta pesquisa que o poder é um conjunto de relações e está presente nos microespaços sociais. Considerando esta ideia, e a maneira em que opera, sabemos que as relações de poder envolvem elementos de manutenção, como dominação, submissão e violência, estes mecanismos acontecem em decorrência de um modelo patriarcal em que estamos imersos. Tal conjunto, quando postos em ação para justificar a supremacia das decisões masculinas sobre as mulheres, geram severas consequências.

Ao que se refere por submissão, a ativista francesa, Garcia (2020, p.26), define por sua vez o termo submissão como “a ação ou situação de quem se submete”, entende como uma atividade passiva, ao ato de decidir ceder/obedecer a um meio de autoridade ou forma controle, decisão essa de agir contra ou a favor sobre o poder exercido sobre si mesmo, seja qual for o grau de complexidade.

Com base nos conceitos apresentados, buscamos analisar no conto “*Si me Tocaras el Corazón*”, parte da obra *Cuentos de Eva Luna* (1989), da escritora, Isabel Allende, como estão representados os reflexos e influências das relações de poder e submissão, na construção dos protagonistas Amadeo Peralta e Hortensia.

Isabel Allende Llona, é uma romancista chilena, e uma das principais autoras contemporâneas em língua espanhola, sendo a escritora mais traduzida no mesmo seguimento. Considera-se feminista antes mesmo de ter conhecimento do que se tratava, “*Mi enojo contra el machismo comenzó en esos años de la infancia al ver a mi madre y a las empleadas de la*

casa como víctimas, subordinadas, sin recursos y sin voz activa” (Allende, 2021, p.06)¹. O trecho nos revela como determinadas vivências despertam uma consciência crítica sobre injustiças sociais, como o machismo. Ao observar mulheres próximas, como a mãe e as empregadas, em situações de submissão e silenciamento, Isabel Allende tem a percepção ainda precoce das desigualdades de gênero, e isso a incentivou a buscar mudanças, o que reforçou o desejo de dar voz e autonomia às mulheres como forma de combater as estruturas machistas. Assim, iniciou sua carreira literária como jornalista, em que tecia críticas a temáticas que eram consideradas polêmicas para a época, mas em 1982 em pleno boom latinoamericano, publicou o seu primeiro romance, *La Casa de los Espíritus*, obra essa que foi responsável por consolidar sua carreira na literatura, e por conseguinte, assegurar-lhe a escrever tantas outras obras de sucesso.

Cuentos de Eva Luna, quarta obra publicada por Allende, é composto de 23 contos diversos. O livro é considerado um tesouro literário contemporâneo, especialmente para a América Latina, em que aborda temáticas como: amor, erotismo, dominação e sofrimento, na perspectiva, visão e voz de personagens femininas. O conto é narrado na voz de *Eva Luna* (1987), personagem latinoamericana e título do romance publicado 2 anos antes.

O conto “*Si me Tocaras el Corazón*” detém um enredo sobre um “romance” bastante conflituoso e conturbado entre Peralta, um homem sem escrúpulos, conhecido por sua *turbia*² personalidade e fama, e Hortensia, uma jovem que se torna submissa e prisioneira dele por cerca de 47 anos. Com base nessas premissas, investigamos as consequências da dominação exercida por Peralta e verificamos o impacto dos meios de manutenção do poder, como o sistema patriarcal e a submissão na perda de identidade pessoal de Hortensia.

Os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa adotam uma abordagem qualitativa, centrando-se na análise de conteúdo. Este estudo terá como base uma avaliação bibliográfica, para Fonseca (2002, p.32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos”. Desta forma, o propósito desta pesquisa é a análise de materiais que compreendem os processos entre as relações de poder, de mesmo modo que, podemos investigar as formas de tratamento recebidas por mulheres latinoamericanas e sua representação através da escrita e personagem feminina.

¹ “Minha raiva do machismo começou naqueles anos da infância, ao ver minha mãe e as empregadas da casa como vítimas, subordinadas, sem recursos e sem voz ativa” (Allende, 2021, p.06, tradução nossa).

² Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola: Do *lat. turbidus*. **Turbia**: Significa: "Misturado ou alterado por algo que obscurece; Dito de tempos ou circunstâncias: Agitados, duvidosos, incertos; Desonesto ou de licitude duvidosa". Tradução nossa. Disponível em: <https://dle.rae.es/turbio#awQzqMZ>. Acesso em: 10 de jul. de 2024.

Para tal, nos apoiamos em teóricos como Michel Foucault (1979) e (2006), Pierre Bourdieu (1989) e (2012), Max Weber (1999), Simone de Beauvoir (1970), Manon García (2020), e Heleieth Saffioti (2015), nos oferecendo uma base teórica sólida para compreender as nuances do poder e como os meios de manutenção operam nessas relações. Além disso, para nos auxiliar, revisaremos artigos e livros relacionados à temática de dominação, submissão, violência e patriarcado. Outrossim, com intuito de embasar a descrição de vida e obra da escritora, utilizaremos trechos de uma entrevista que Allende concedeu ao canal Telemundo (2017), sua *homepage*³, em que se encontra toda a sua parte midiática, e a obra "*Mujeres de Alma Mía*" (2020) em que faz um resgate as suas memórias, descrevendo como é ser mulher, feminista e as suas inspirações na construção de sua vida pessoal e artística.

A importância deste tema está em provocar uma reflexão acerca de como as relações de poder moldaram e seguem influenciando a sociedade. Isabel Allende, uma escritora latinoamericana, que possui enorme notoriedade, demonstra de maneira ficcional no conto "*Si me tocaras el corazón*" através da caracterização dos protagonistas, Amadeo e Hortensia, o arquétipo social que reconhece que essa construção social revela-se pela imposição das vontades masculinas sobre a mulher, promovendo uma comoção e debates enriquecedores a assuntos que não se restringem apenas ao campo literário. De modo que, percebemos que não se trata de problemáticas imutáveis, através de uma boa educação, da literatura, movimentos de resistência e o cumprimento das leis, podemos caminhar para que o poder não se materialize de forma incorreta e desequilibrada, sem apelar para algum meio de violência.

O trabalho está organizado em três capítulos. A priori, destacamos as concepções de poder, relações de poder e como essas forças se manifestam, contemplando embasamentos referentes às temáticas de dominação e seus meios de persuasão através da manipulação, em que resultam em submissão e violência, e ao final, traçamos um panorama destes mecanismos no contexto latinoamericano e como ele está enraizado em uma sociedade patriarcal. No segundo capítulo, a fim de conhecermos a autora, através de seu vasto legado e inspirações, apresentamos brevemente a sua biografia, resgatando memórias em seu livro intitulado: *Mujeres de Alma Mía* (2021), sua relação e influência familiar nas suas obras, sua opinião, prêmios, trabalhos e atos ativistas, fotos e uma entrevista concedida ao canal Telemundo. No terceiro e último capítulo, analiso criticamente o conto sob o viés teórico das implicações das relações de poder na posição que cada protagonista ocupa e as consequências resultantes da aplicação destas forças. Por conseguinte, finalizamos as considerações feitas neste estudo.

³ ALLENDE, Isabel. **Isabel Allende**. 2024. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/es/home>. Acesso em: 20 jul. 2024.

2 CONCEPÇÕES E RELAÇÕES DE PODER

As relações de poder permeiam todas as sociedades e suas demais interações, estas, sempre foram objeto de estudo nos mais variados campos de pesquisa. O conceito de poder e suas relações podem ser distintas na perspectiva de alguns teóricos, mas antes de entender suas operações e como se dão essas aplicabilidades, se faz necessário entender o que é poder. Assim, partindo do significado etimológico, a palavra “poder” deriva do latim “*possum, pote, potui, posse, potēre*”, que de acordo com Blackburn (1997 *apud* Ferreirinha; Raitz, 2010, p.370), no dicionário filosófico,

[...] a palavra poder, na esfera social, seja pelo indivíduo ou instituição, se define como “a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência. O poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado (...)” Muito embora, de acordo com o autor, esse poder possa ser exercido de forma consciente ou não, e/ou, frequentemente, exercido de forma deliberada”. (Ferreirinha; Raitz, 2010, p.370).

Segundo essa caracterização, compreendemos que o poder exprime força, posse, capacidade, técnica e influência. A partir das ideias apresentadas, acordamos que o “poder” seja, talvez, o anseio mais antigo do homem na sociedade.

A fim de destrinchar este tema, reconhecemos que se trata de explorar distintas esferas e contextos, manifestando-se de maneira política, social e cultural. Diante disso, Michel Foucault (1926-1984) historiador, filósofo e psicólogo francês, se propôs a analisar as nuances do poder. Neste contexto, publicou a obra *Microfísica do Poder* (1979)⁴, uma obra em que Machado (1979, p.X) faz as considerações iniciais, expondo que não existe em Foucault uma teoria geral do poder,

O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa, é uma prática social e, como tal, constituída historicamente. (Machado, 1979, p.X).

Partindo desta concepção, para Foucault (1979) o estudo do poder vai muito além de uma teoria geral, assim, ele não se preocupa em estabelecer uma definição concreta, mas sim analisar como este se manifesta no meio social. Para tal, compreende que funciona “como uma máquina social que não está situada em lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.” (Machado, 1979, p.XIV). Sendo assim, na prática, se estabelece uma rede heterogênea que

⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: MACHADO, R. (Org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

interliga todos os ambientes e suas interações. Isso implica um controle meticuloso do corpo, gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos.

"O poder deve ser analisado como algo que circula (...) nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns (...) o poder funciona e se exerce em rede." (Foucault, 1979, p.183). Em outras palavras, do ponto de vista filosófico, o poder está descentralizado, compreende o poder como um conjunto ou cadeia de relações, logo, não se concentra em uma única instituição ou indivíduo, como algo que não pode ser negociado, pois está presente nos microespaços e se reconhece em distintas realidades.

O poder influencia na formação de identidades, e conforme Silva (2009 *apud* Menezes, p.24), a identidade:

não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, *apud* Menezes, p.24).

Em conformidade com o conceito apresentado por Silva (2009), compreendemos que a identidade vai além das características físicas que compõem o perfil individual, como nome, idade, sexo, entende-se por produto de uma construção social e cultural, que está em constante transformação, e diretamente influenciado pelo contexto em que se encontra.

Recapitulando, o poder também vai influenciar em termos de classe, raça, sexualidade e gênero, assim, a maneira como é exercido, tem a capacidade de condicionar, controlar ou coagir o comportamento de outros. No entanto, o poder também pode ser contestado por indivíduos ou grupos, o que pode incluir desobediência civil, ativismo e outros atos de resistência, afinal, “Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder (...) se exerce como uma urna multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência” (Machado, 1979, p.XIV). Conforme menciona Machado (1979), a relação entre poder e resistência estão intrinsecamente conectados. Não existe um espaço separado ou exclusivo para a resistência, pois ela sempre surge dentro das próprias estruturas de poder. A luta contra o poder, portanto, se dá por meio de uma constante disputa nas diversas relações de forças que o compõem. Isso demonstra que, ao mesmo tempo em que o poder controla, ele também cria os espaços para sua contestação, tornando a resistência uma parte inseparável do próprio sistema.

No entanto, Max Weber (1864-1920) jurista, economista e sociólogo alemão, postula a partir do ponto de vista sociológico, que o poder é “a probabilidade de uma pessoa ou várias impor, numa ação social, a vontade própria, mesmo contra a oposição de outros participantes desta.” (Weber, 1999, p.175) ou seja, em um sentido mais geral, pode ser entendido como um exercício de força, em um situação em qual se exige um determinado grau de obediência, mas que não existe a possibilidade de objeções e oposições a essas imposições.

Apesar do tempo que separa a concepção de poder entre Foucault e Weber, ambos os autores concordam que o poder não se restringe ao Estado, existindo também em esferas informais. Entretanto, Foucault vê o poder como uma rede que se espalha em múltiplas direções e que há possibilidade de resistência, enquanto Weber relaciona poder com obediência, apontando que nem todo exercício de poder constitui dominação, embora toda forma de dominação implique uma relação de poder.

Ainda sob o ponto de vista da sociologia, e tomando como inspiração determinados conceitos e trabalhos de Weber, o francês, Pierre Bourdieu (1930-2022), ofereceu contribuições e concepções referentes ao poder, e para isto escreveu a obra Poder Simbólico (1989) em que considera, que este formato esteja nas entrelinhas, de maneira “invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p.7-8). Ao considerar este a forma não verbalizada, não falada, ele considera o ambiente, a arte, a cultura e a hierarquia, a estrutura social. Ele se baseia na maneira como significamos e organizamos nossos pensamentos, levando-nos a acreditar que as estruturas sociais são naturais e essa naturalização se estrutura em desigualdade social.

O poder simbólico como poder de constituir o, dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (Bourdieu, 1989, p.14).

O poder e a violência simbólica se expressam muitas vezes de maneira implícita, e é nesse tipo de opressão silenciosa que as mulheres são expostas, o que formalizou um ciclo de exclusão ao que diz respeito a opiniões, trabalho e relevância. Sabendo isto, levaremos em consideração essa naturalização e desigualdade social, sobretudo como essa se comporta entre homens e mulheres, perpetuando a ideia de inferioridade feminina e gerando um meio de violência simbólica, conceito também difundido por Bourdieu (1989), manifestando-se em crenças que desvalorizam a capacidade das mulheres. Portanto, a aceitação da dominação

masculina está enraizada em uma construção social que parece natural, mas que é na verdade, uma imposição cultural.

2.1 A Dominação Masculina como um Mecanismo de Poder

A questão da dominação masculina é uma temática ampla, que aborda como o poder se manifesta e perpetua nas relações entre homens e mulheres. Esta dominação ultrapassa as diferenças individuais e se organiza como uma estrutura de poder profundamente enraizada nas instituições, nas culturas e, muitas vezes, na subjetividade dos indivíduos. Esta estrutura sustenta o privilégio masculino, cria disparidades sociais e orienta os comportamentos de modo a naturalizar a hierarquização entre gêneros.

Diante disso, Weber em “Economia e Sociedade” obra postumamente publicada em (1921), pontuou o que significa “dominação” e sua relação com o conceito geral de poder, determinando que:

Dominação, no sentido muito geral de poder, isto é, de possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria, pode apresentar-se nas formas mais diversas. Pode-se, por exemplo, como ocorreu ocasionalmente, compreender os direitos que a lei concede ao indivíduo, contra um ou vários outros, como o poder de dar ordens ao devedor ou ao não-autorizado, interpretando-se, portanto, todo o cosmo do direito privado moderno como descentralização da dominação nas mãos dos "autorizados" pela lei. (Weber, 1999, p.188).

A ideia de dominação para o sociólogo, é que esta ocorre quando há obediência, sendo um dos elementos mais importantes da ação social. Para isto, Weber identifica três formas de dominação: Tradicional, em que a legitimidade vem da tradição, da obediência; Carismática, ocorre quando o carisma passa a legitimar; e a Racional-Legal que consiste em uma legitimação através do Estado. Elaborou duas abordagens associadas a estes exercícios, a primeira é a forma corretiva, exercida através de coerção física, um exemplo de força, uma sanção negativa, e da manipulação que pode se efetivar positiva e negativamente. A segunda forma é persuasiva, tem relação com a significação e legitimação, relação com os signos dentro da cultura, age de maneira mais branda.

Se a dominação é um meio persuasivo, a manipulação em seu sentido mais amplo, opera de maneira bastante semelhante ao sentido da dominação masculina, levantando questões éticas, buscando influenciar ações, pensamentos, emoções e vulnerabilidades de outro indivíduo de maneira velada. Segundo um estudo sobre Manipulação e argumentação publicado por Emediato (2023, p.47), “Manipular é sempre, de algum modo, influenciar. Mas nem sempre influenciar é manipular.” Para além disso, a manipulação psicológica que é a

recorrida mais comum, é definida como “um tipo de influência social exercida sobre grupos sociais para modificar seus comportamentos por meio de estratégias de enganação e de dissimulação” (Emediato, 2023, p.46). As técnicas incluem distorção da realidade, omissão de informações e apelo emocional, além de recorrer a manipulação tátil, com controle de distância, o toque, e meios de sedução.

Neste seguimento, a dominação masculina, para Pierre Bourdieu (2012), também foi objeto de análise. Considerando uma relação assimétrica que é reproduzida através do que ele denomina “violência simbólica”, ou seja, uma forma de poder que se impõe como legítima e que é, frequentemente, aceita como natural pelas próprias pessoas que estão subjugadas por ela. Bourdieu descreve como a sociedade cria e valida certas práticas e comportamentos que reforçam o domínio masculino, de modo que eles são, muitas vezes, internalizados, passando a parecer naturais e inevitáveis e sempre deixando claro que tudo o que acontece na sociedade é histórico e construído, não são fenômenos naturais. Para tal, o teórico não se refere de forma biológica ao gênero masculino ou feminino, mas busca compreender a estrutura do pensamento naturalizado sobre as condições de masculinidade e a feminilidade.

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação. (Bourdieu, 2012, p.7-8).

Os dominantes tendem a fazer parecer que determinados comportamentos sejam providos naturalmente, quando na verdade foram construídos ao longo da história. Assim, a ideia de violência simbólica aparece porque quando abordamos o tema da violência, especificamente contra a mulher, logo pensamos na manifestação física, mas há algo mais nas entrelinhas, os fatores psicológicos, emocionais, sociais, financeiros, na imposição de um indivíduo sobre o outro. A dominação masculina impacta as relações entre homens e as mulheres, de tal forma que os homens são cobrados para assumir essa condição de liderança e a mulher é cobrada para ter um papel secundário ou subalterno.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (Bourdieu, 2012, p.18).

Reconhece-se a ideia de dominação e supremacia masculina quando “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica

impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la.” (Bourdieu, 2012, p.18). Uma construção social simbólica que está culturalmente posta de maneira imperceptível, afetando o inconsciente. Sob esta ótica, o autor determina que é através de uma divisão social simbólica entre homens e mulheres, que as tarefas são distribuídas de forma desigual, de modo que o homem tenha papéis de honra e mulheres ficam “situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, (...) atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos” (Bourdieu, 2012, p.18). Levando em consideração a época que esta obra foi publicada, reconhecemos que os problemas que perpetuam a sociedade ainda são os mesmos, a condição feminina só mudou/muda por esforços propriamente femininos, através de movimentos feministas, a quem o autor reconheceu a importância.

Complementando essa análise, a dominação masculina, profundamente enraizada no patriarcalismo, é mantida através de mecanismos visíveis e invisíveis de poder. O patriarcado é por sua vez um sistema social que perpetua o privilégio, o poder e a autoridade masculina em detrimento das mulheres e de outras minorias. Neste contexto, a dominação masculina é um mecanismo de poder que sustenta a desigualdade de gênero ao submeter as mulheres a uma posição de inferioridade social e simbólica. Ela se manifesta em práticas e crenças que limitam a liberdade feminina, restringindo o acesso das mulheres a recursos, educação, oportunidades de trabalho e participação em espaços de decisão.

Como consequência, as mulheres enfrentam barreiras estruturais que dificultam sua autonomia e realização pessoal. Esse processo leva à submissão, uma postura de conformidade que, longe de ser uma escolha livre, resulta da constante pressão e na violência simbólica e de gênero exercida pela sociedade patriarcal.

2.2 A Perspectiva da Submissão Feminina em Consequência das relações de poder

Ressignificando o conceito de submissão, Bourdieu (2012) dissertou sobre a maneira que pensa a dominação e a submissão em conjunto, e o efeito desta atuando nas entrelinhas, também de forma simbólica.

Não se pode, portanto, pensar esta forma particular de dominação senão ultrapassando a alternativa da pressão (pelas forças) e do consentimento (às razões), da coerção mecânica e da submissão voluntária, livre, deliberada, ou até mesmo calculada. O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação. (Bourdieu, 2012, p.49).

Diante disso, Bourdieu (2012), explica que aqueles que são oprimidos utilizam esquemas de pensamento que resultam da própria dominação, ou seja, quando suas ideias e percepções estão moldadas pelas estruturas da relação de poder que os submete, suas formas de compreender se tornam, inevitavelmente, atos de reconhecimento e aceitação dessa submissão.

Em sua maioria, os teóricos analisaram as relações de poder sob a ótica quase que exclusiva ao poder político e os meios de dominação legítimos, no entanto, isso não implica que a concepção criada não se possa aplicar em outros enfoques, como a condição feminina em seu contexto histórico e social. Afinal, de certo ponto de vista, tudo pode ser considerado política, os direitos, a sexualidade, o gênero.

[...] O fato é que uma análise da submissão é crucial para se pensar o poder. Dispensar o conceito de submissão, ou seja, estudar as relações de poder assimétricas apenas do ângulo da dominação, é privar-se de uma compreensão global das relações de poder, particularmente as relações de poder assimétricas, uma vez que são vistas de um único ponto de vista. Estudar a dominação como uma relação de poder assimétrica requer questionar ambas as extremidades da relação de dominância. (Garcia, 2020, p.85).

A submissão, enquanto fenômeno social, é entendida como uma atitude ou comportamento em que o indivíduo aceita a autoridade, o desejo e a influência do outro, abdicando de sua própria autonomia de escolha. Esse fenômeno emerge de fatores diversos que envolvem o contexto da relação, podendo incluir aspectos psicológicos, financeiros e culturais.

Simone de Beauvoir (1970), ao refletir sobre essa prática na relação entre homens e mulheres, destaca que os valores historicamente associados ao gênero foram, na verdade, criados e impostos pelos homens, com o intuito de manter privilégios e hierarquias. Ela argumenta que os valores femininos nunca foram contrapostos de maneira autêntica aos valores masculinos, mas, sim, delineados pelos homens para limitar as mulheres a um campo de "imanência", associado à vida doméstica e biológica, restringindo-as, dessa forma, ao que era considerado "natural" ou "feminino."

[...] os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual transcende. Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade. (Beauvoir, 1970, p.85).

Beauvoir pontua que a verdadeira essência da submissão feminina está, paradoxalmente, no desejo de transcendência, uma característica humana universal, negada às mulheres por uma construção social de dominação. As mulheres, ao reivindicarem o reconhecimento enquanto seres autônomos e plenos, buscam justamente se afirmar para além dessas limitações e estereótipos, recusando-se a serem confinadas a uma existência secundária e subordinada, reduzida a aspectos biológicos e instintivos que os homens associaram a elas. Beauvoir (1970) na obra “O Segundo Sexo” acrescenta críticas ao sistema biológico, pois ainda que exista uma diferença entre a natureza masculina e feminina, apenas essas diferenças não justificam a submissão da mulher.

Diante disso, explica que provavelmente a submissão provém de: “um complexo de inferioridade provoca uma tensão suscetível de acarretar neuroses ou de encontrar, na submissão amorosa, uma feliz realização de si mesma, solução que lhe é facilitada pelo amor que devota ao pai soberano”. (Beauvoir, 1970, p.64-65). Assim como descreve Beauvoir (1970) a submissão, especialmente no contexto de relações familiares e amorosas, pode ser resultado de um complexo de inferioridade profunda. Ao sentir-se inferior, busca uma forma de encontrar sua identidade e valor, segundo a validação do outro, no caso, a uma figura de autoridade. Esse mecanismo, no entanto, de ceder à dominação pode ser perigoso, podendo levar a um ciclo vicioso de dependência.

Ao questionar sobre o que podemos saber sobre a submissão, a filósofa francesa, Manon Garcia (2020), expressa que um dos objetivos da dominação é silenciar os oprimidos, fazendo com que apareçam pouco, ou não apareçam. Então para analisar a submissão é necessário partir do pressuposto de que indica uma posição de inferioridade, em particular a submissão feminina. “Finalmente, (...) o obstáculo epistemológico mais complexo, a especificidade das relações de poder em que as mulheres se encontram, (...) é que as mulheres não estão com os homens em uma relação de domínio de classe a classe, mas de dominação de indivíduo a indivíduo” (Garcia, 2020, p.92). Essa afirmação enfatiza a diferença entre a opressão de gênero e a opressão de classe. Enquanto a dominação de classe ocorre entre grupos sociais, a de gênero é vivida de forma mais íntima e pessoal, nas relações diárias entre homens e mulheres. Ao contrário de uma hierarquia econômica ampla, o patriarcado se manifesta nas interações individuais, no espaço doméstico e afetivo, o que torna essa dominação mais difícil de perceber e combater.

[...] Os homens, graças a seu poder social, conseguiram fazer da mulher um outro, ou seja, tratá-la como um ser particularmente ambíguo, suficientemente consciente para reconhecer os homens como sujeitos e, ao mesmo tempo, semelhante a uma coisa por seu corpo. Assim, segundo Beauvoir, a dominação masculina consiste em atribuir às mulheres o destino de ser o tipo de ser cujo corpo é um objeto, cujo corpo

é carne. Diante desse destino, a submissão se destaca como a escolha lógica. (Garcia, 2020, p. 159-160).

Ao abordar o poder na perspectiva histórica, as mulheres estão sempre imersas em um grupo marginalizado e oprimido, uma categoria subjugada, pertencente ao nível mais baixo na hierarquia, no entanto “é muito mais difícil ter fontes sobre esse poder: um marido não produz regulamentos para fazer com que sua esposa lhe obedeça, de modo que não há vestígios de suas ordens.” (Garcia, 2020, p.93). Isso porque tais comportamentos foram condicionados de maneira instintiva, tanto por homens, quanto por mulheres. Assim, desvelar esse tipo de poder exige não apenas mudanças no Estado, mas também uma transformação nas relações sociais e comportamentos cotidianos.

2.3 Submissão e Violência: Um Reflexo do Patriarcado no Contexto das Relações na América Latina

No campo social, as relações de poder transcendem fronteiras, convertendo-se em um conjunto de influências históricas, sociais e políticas. Estas influências exercem uma posição significativa, ainda que negativa. Nas relações interpessoais, as interações são diretas entre os indivíduos, geralmente presente nas relações familiares, amizade e amorosas, de modo que os interesses sejam personalizados, portanto, um cenário complementa o outro. Desta forma, à medida em que estes interesses se intensificaram, os reflexos dos mesmos ficaram marcados ao longo da história latinoamericana, sendo assim, a região enfrenta desafios sociais persistentes, moldados através de uma sociedade patriarcal. Ao que se refere às problemáticas, evidenciamos a desigualdade e violência de gênero, onde podemos afirmar que:

A violência de gênero se apresenta como uma expressão para fazer referência aos diversos atos praticados contra as mulheres como forma de submetê-las a sofrimento físico, sexual e psicológico, aí incluídas as diversas formas de ameaças. É caracterizada, especialmente, pela imposição ou pretensão de subordinação e controle do gênero masculino sobre o feminino. (Balbinotti, 2018, p.240).

A violência de gênero, incluindo o feminicídio e outras formas de agressão física, psicológica e simbólica, acaba sendo legitimada, consciente ou inconscientemente, por um ideal que associa o homem ao papel de provedor e protetor, o que paradoxalmente permite que ele seja agressor em nome de uma “suposta proteção” e controle da mulher. Neste contexto, a América Latina carrega profundas marcas do patriarcado em sua cultura e seu meio social, e a submissão feminina dentro das relações interpessoais reflete uma herança histórica de desigualdade e opressão.

De acordo com a socióloga brasileira, Saffioti (2015, p.47;49) “o patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens. (...) não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo.”, em similaridade e concordância a esta definição, na visão de Dias e Matos (2023, p. 04), “O patriarcado refere-se à manifestação e consolidação da dominância masculina sobre mulheres e crianças, tanto no âmbito familiar quanto na sociedade. Indica que, (...) os homens detêm poder nas principais instituições sociais”. Por meio de tais definições, entendemos, portanto, essa relação enquanto sistema de um poder desequilibrado, que consolida uma normalização dos papéis de gênero em que o homem é concebido como figura de autoridade, e a mulher, como sujeita a essa autoridade, com raízes que remontam ao período colonial e são sustentadas pelas estruturas econômicas, políticas e sociais contemporâneas, o patriarcado age como um alicerce para práticas de violência e submissão que restringem as mulheres e reforçam relações de poder desiguais.

Se traçarmos uma linha histórica sobre a condição feminina ao longo da evolução, entenderemos as perspectivas do papel da mulher na sociedade. Sendo assim, a autora Moreira (2005), em sua dissertação intitulada “A violência entre parceiros íntimos: o difícil processo de ruptura”, faz um panorama retrospectivo de como ocorreu tais transformações na condição feminina, desde o período moderno, até a contemporaneidade. Na idade média, predominavam valores cristãos e o ideal de guerra, com a mulher limitada ao espaço doméstico e às tarefas do lar. Contudo, esse estereótipo ainda influencia um determinado público-alvo na sociedade, especialmente em discursos políticos que buscam preservar “valores e bons costumes”. No Renascimento (XIV a XVII), houveram avanços artísticos e científicos, e algumas mulheres se destacaram na Europa. Na América Latina, o período foi marcado pela colonização, em que mulheres foram feitas de escravas, laboral e sexual. No período contemporâneo, ocorreram mudanças importantes para o desenvolvimento das mulheres, embora esse avanço seja lento e gradual.

Essa realidade é intensificada em comunidades onde o machismo é altamente valorizado e onde a dependência financeira e social feminina torna-se um fator de vulnerabilidade, limitando a capacidade de muitas mulheres de romperem com ciclos de violência. Lerner *apud* (Dias e Matos, 2019), esclarece que o “machismo define a ideologia de supremacia masculina, de superioridade masculina e de crenças que a apoiem e sustentem. Machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua”. Os autores declaram que machismo é uma ideologia que sustenta a ideia de supremacia masculina, criando uma base de crenças que reforçam a desigualdade de gênero. Desse modo, a ideia de

submissão, portanto, está intrinsecamente ligada a uma série de condicionantes culturais e sociais que promovem uma aceitação passiva da violência. Esse fenômeno é ainda mais alarmante quando observamos que tais comportamentos são aprendidos e reforçados desde cedo. Crianças e adolescentes crescem em lares e comunidades onde a violência de gênero e a submissão feminina são aceitas ou justificadas, perpetuando um ciclo vicioso que tende a se manter nas futuras gerações. Nesse sentido, a legislação e as políticas públicas na América Latina no combate à violência de gênero, muitas vezes não conseguem reverter a cultura de submissão. Isso ocorre porque o sistema judicial e o aparato de segurança continuam, em muitos casos, enraizados em uma cultura patriarcal que dificulta o apoio e a proteção às vítimas. Em contextos em que a impunidade e o preconceito institucional ainda são uma realidade, as mulheres enfrentam barreiras para romper com relações abusivas.

No entanto, a resistência feminina tem se intensificado, e os movimentos feministas na América Latina vêm desafiando essas normas culturais e políticas que promovem a submissão e a violência. Marchas, campanhas de conscientização e iniciativas comunitárias têm dado visibilidade ao problema e pressionado governos para que haja uma resposta mais efetiva e humana. Organizações como a *Ni Una Menos*⁵, que surgiu na Argentina em (2015), a *CLADEM*⁶ em (1987) e a *CEPAL*⁷ (2016), dentre tantas outras que se espalharam por outros países, têm sido fundamentais para mobilizar a sociedade e lutar contra o feminicídio e outras formas de violência. Esses movimentos de resistência revelam que a submissão e a violência não são imutáveis, elas são produto e reflexo de um modelo social patriarcal que pode ser desconstruído. Isso exige não apenas mudanças nas políticas e legislações, mas investimento em educação para que possa existir uma transformação no imaginário social e nos valores que sustentam as relações de gênero.

Ao longo dos séculos, as mulheres latinoamericanas têm sido subjugadas e limitadas em suas oportunidades, muitas vezes em nome de tradições patriarcais e normas rígidas. Para Zafalon e Zolin (2013, p.188) “O papel de dominador do homem, na sociedade patriarcal,

⁵ Movimento feminista criado em 2015 após a revolta de um caso de feminicídio de uma jovem de 14 anos que estava grávida e foi assassinada pelo namorado de 16. O movimento se transformou em uma organização ainda maior que visa buscar a igualdade de gênero em todos os ambientes sociais. *QUIÉN SOMOS?. Ni una Menos*. Argentina [s.d]. Disponível em: <https://niunamenos.org.ar/quienes-somos/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

⁶ *Comité de América Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de las Mujeres*, criado em 1987 e institucionalizado em 1989 no Peru. Trata-se de uma rede regional que reúne mulheres e organizações de 14 países na América Latina com enfoque feminista sociojurídico. CADEM. *Nuestra Historia*. 2023. Disponível em: <https://cladem.org/nosotras-historia-y-mision>. Acesso em: 15 ago. 2024.

⁷ Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe: Este observatório coleta dados e analisa o progresso das políticas de igualdade de gênero em diversos países da região, ajudando a embasar políticas contra o feminicídio e outras formas de violência de gênero. CEPAL, Nações Unidas. Estados Unidos, 2016. Disponível em: <https://oig.cepal.org/pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.

vem ao encontro de mulheres que foram “doutrinadas” para a vida doméstica, para serem esposas e para servirem ao marido depois de casadas”. Assim, esta descrição, está em concordância com Moreira (2005), a dominação surge como uma consequência direta desta tentativa de objetificação, e pensamentos tradicionais desde o período da idade média.

Nas relações amorosas, estas ações geralmente provêm de uma tentativa de vitimização quando o manipulador faz com que a parceira sintá-se culpado por determinadas falas, ações e trejeitos. Sendo assim, os efeitos desta manipulação são profundos e problemáticos, com chances reais de se enraizar de tal maneira a comprometer a saúde mental e causar problemas de dissociação, como na perda de identidade e personalidade, igualmente ocorreu com a protagonista Hortensia, do conto em que estamos analisamos, em que veremos mais à frente.

3 CONHECENDO A AUTORA: VIDA E OBRA DE ISABEL ALLENDE

Isabel Allende Llonca, nasceu em 2 de agosto de 1942, na cidade de Lima, Peru. Filha de Tomás Allende e Francisca Llonca (conhecida como Panchita), Isabel viveu seus primeiros anos de vida no Peru. No entanto, devido à separação de seus pais quando ela tinha apenas três anos, em 1945 mudou-se com seus dois irmãos para a casa de seus avós maternos, em Santiago, no Chile. Em seu novo lar, a romancista permeia em um ambiente marcado por uma forte opinião familiar, especialmente de seu avô, a quem respeitava e admirava imensamente. E apesar de manter ressalvas por certos discursos arcaicos que reproduzia, compreendia que esses estereótipos estavam enraizados devido ao seu contexto de criação e que não mudaria isso de forma rápida.

Ainda no contexto familiar, ainda muito jovem, reconheceu qual posição ocupava devido ao seu gênero e percebeu como as convenções a deixavam em posição de desvantagem. Na obra intitulada *“Mujeres de Alma Mía”* (2021), através de um resgate emocionante das suas memórias, Allende disserta sobre sua jornada pessoal, sobre a experiência de ser mulher, como entende o feminismo. Logo no início do livro afirma, *“mi rebeldía contra la autoridad masculina se originó en la situación de Panchita”* (Allende, 2021, p.04)⁸. O episódio do divórcio de seus pais foi responsável por desencadear o sentimento de raiva e consciência na escritora, pois entendia a situação em que a mãe se encontrava e odiava a sensação de vulnerabilidade.

Após 8 anos da anulação do casamento de sua mãe, em 1953, Panchita casou-se com Ramón Huidobro, um diplomata, a quem Isabel se referia carinhosamente como Tio Ramón. No mesmo período, mudaram-se para a Bolívia, e posteriormente para o Líbano, onde estudou em uma escola inglesa. Segundo o site Memória Chilena⁹ da biblioteca nacional do Chile, em 1958, Isabel regressou ao Chile, onde começou a sua carreira na (FAO)¹⁰, e um ano depois casou-se com Miguel Frías, com quem teve dois filhos, Nicolás e Paula.

Após o matrimônio, ao tentar se adaptar à nova rotina, declarou que fez um grande esforço para *“cumplir con el papel de esposa y madre. No quería admitir que me estaba muriendo de tedio; el cerebro se me estaba convirtiendo en sopa de fideos.”* (Allende, 2021,

⁸ “Minha rebeldia contra a autoridade masculina originou-se na situação de Panchita”. (Allende, 2021, p.04, tradução nossa).

⁹Memoria Chilena: Biblioteca Nacional de Chile. [s.d.]. **Isabel Allende (1942)**. Disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100654.html>. Acesso em: 25 jul. 2024.

¹⁰ FAO: Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação.

p.30)¹¹. Sob o mesmo ponto de vista, Allende não se contentava em exercer apenas essas atividades, e foi mantendo essa inquietação, alguns anos depois aconteceria uma grande mudança em seu campo laboral.

Em 1967, iniciou sua colaboração e carreira literária como jornalista para a revista feminina/feminista *Paula*, no Chile. Um novo espaço formado por 4 mulheres em que finalmente poderia escrever, enfatizou que desejava quebrar tabus com temáticas sérias referentes a “*las mujeres: sexo, dinero, leyes discriminatorias, drogas, virginidad, menopausia, anticonceptivos, alcoholismo, aborto, prostitución, celos, etc*”. (Allende, 2021, p.32)¹², além disso, durante o mesmo período, ingressou em 1969 também na Revista Infantil Mampato, permanecendo em ambas até 1974.

O golpe militar liderado pelo general Augusto Pinochet em 1973 teve um impacto profundo na vida de Isabel Allende, seu tio, o presidente Salvador Allende, foi deposto e morreu durante o golpe. Isabel e sua família enfrentaram ameaças e perseguição, sendo forçada a exilar-se do Chile, e em seguida perpassar por outros países como Estados Unidos e Venezuela. Por mais angustiante e frustrante que tenha sido a forma com que aconteceu o seu exílio, este período na Venezuela foi frutífero. Entre os anos 1976-1983 trabalhou no *Diario El Nacional*, uma coluna humorística semanal. Seu currículo contava agora com experiências em programas semanais de opinião e humor, publicação de reportagens, artigos e ensaios.

Como resultado, compreendemos que a vida da autora foi marcada por uma série de reviravoltas turbulentas e impactantes devido a série de conflitos históricos presenciados. Percebemos que ela lidou com alguns traumas ao longo da vida, todavia, a morte da sua filha aos 28 anos em 1991 por porfíria¹³, foi sem dúvidas o episódio mais triste e doloroso. Após este, alguns anos depois, em 1994 publicou um livro autobiográfico em sua homenagem, livro esse intitulado “*Paula*”, no qual levava o seu nome.

Não há como entender as obras de Allende sem conhecer brevemente sua história, compreender o papel que a sua família passa a desempenhar em seu legado é fundamental

¹¹ “Cumprir o papel de esposa e mãe. Não queria admitir que estava morrendo de tédio; meus miolos estavam derretendo.” (Allende, 2020, p.30, tradução nossa).

¹² “As mulheres: sexo, dinheiro, leis discriminatórias, drogas, virgindade, menopausa, contraceptivos, alcoolismo, abordo, prostituição, ciumes, etc.” (Allende, 2021, p.32, tradução nossa).

¹³ Segundo o site da ABRAPO, **Associação Brasileira de Porfíria** (2023): As porfirias constituem um grupo de pelo menos oito doenças genéticas raras, caracterizadas por deficiências enzimáticas na biossíntese do heme, que levam à superprodução de precursores metabólicos. Essas condições são difíceis de diagnosticar, pois seus sintomas assemelham-se a outras doenças, como fibromialgia, hepatite e Doença de Crohn. Apesar de ainda não haver cura, já existem tratamentos efetivos. Disponível em: <https://www.porfiria.org.br/porfirias>. Acesso em: 25 jul. 2024.

para a condução e construção de qualquer análise de seus romances e contos, ainda que as histórias sejam produções fictícias.

Figura 1- Quatro Gerações: Allende, seu avô, Panchita e Paula



Fonte: Facebook (Allende, 2014)

Além da influência da família, Allende sempre foi motivada a buscar mudanças para a mulheres, uma ativista nata, e reforça isso na escrita e em seus discursos. Em uma entrevista, concedida a Cristina Londoño para o canal “Noticias Telemundo”¹⁴ em (2017), Isabel Allende falou abertamente de temáticas pessoais, políticas e profissionais. O momento no qual a apresentadora aponta 02min06s (Cristina Londoño): “*Tú eres activista, pro mujer, ¿tú dirías que ese es el activismo con el que más comprometida estás?*”. (Allende): responde pontuando positivamente que sim, desde pequena “*es lo que he hecho toda mi vida he sido feminista desde que me acuerdo y he trabajado con mujeres y para mujeres toda mi vida.*”¹⁵

O ato ativista mais notável da escritora foi sem dúvidas a criação da *Fundación Isabel Allende*, em 1995. Inspirada, após uma viagem que fez à Índia, e ser abordada por uma jovem que a entregou um bebe recém nascido nos braços, e sem entender o que passava naquele instante, questionou, “«¿Qué pasó?; ¿Por qué esa mujer quiso darme a su bebé?»”, pergunté, confundida. «Era una niña. ¡Nadie quiere a una niña!», respondió el chófer. (Allende, 2020, p.100)¹⁶. Motivada por esse episódio, criou a fundação no intuito de ajudar mulheres e crianças, dedicando-se a temas como violência contra a mulher, os direitos reprodutivos e

¹⁴ Entrevista completa a la escritora chilena Isabel Allende. Cristina Londoño. 04 ago. 2017. 1 vídeo (15:43min). Publicado pelo canal Noticias Telemundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVFIJCh20Nk>. Acesso em: 30 jul. 2024.

¹⁵ (Cristina Londoño): “Você é ativista, pró mulher, dirias que é o ativismo com que estás mais comprometida?”. (Allende): É o que tenho feito toda a minha vida, tenho sido feminista desde que me recordo e trabalhado com mulheres e para mulheres em toda minha vida”. (Telemundo, 2017, 02min06s, tradução nossa).

¹⁶ “O que aconteceu? Por que aquela mulher quis me dar seu bebê?”, perguntei, confusa. “Era uma menina. Ninguém quer menina!”, respondeu o motorista.” (Allende, 2020, p.100, Tradução nossa).

independência econômica. Para arrecadar fundos para dar continuidade a este maravilhoso projeto, a escritora realizou conferências, seminários e conversações sobre os direitos da mulher, processo criativo, suas obras, bem como sobre a política latinoamericana.

Figura 2- Allende na Marcha das Mulheres de 2017



Fonte: Revista ELLE (Kaur, 2021)

Ainda na mesma entrevista (2017), 02min52s, a apresentadora (Cristina Lodoño) indaga: *“Tú has dicho alguna vez que tú de niña nunca te soñaste con ser la cenicienta”*. (Allende): *“no no, yo quería ser el príncipe, la cenicienta era terrible, se lo pasaba limpiando ollas y lavando ropa y después va a un baile pierde la zapatilla y encuentra el príncipe, cambio el príncipe lo pasa bien todo el tiempo”*. (Cristina Lodoño) questiona: *“¿Entonces era lo que tú querías para ti?”*. (Allende): *“Yo quería hacer el caballo o el príncipe pero en ningún caso la cenicienta”*.¹⁷ Considerando estas afirmações, Allende demonstra de forma humorada o seu descontentamento com as funções que era necessário exercer para ser a Cinderela, enquanto o príncipe poderia curtir sua liberdade sem contestações, o que não difere muito do roteiro que a sociedade conservadora ainda espera que as mulheres protagonizem.

Diante disso, entendemos que a sua escrita é um meio de construção de identidade e comunicação, com particularidades de suas memórias. Sua inspiração provém de mulheres que marcaram sua vida, como Panchita: sua mãe; Paula, sua filha; sua agente literária, Carmen Balcells; Violeta Parra: artista chilena reconhecida por divulgar as mais importantes músicas populares de seu país; Inés Suárez. Além de muitos outros nomes importantes,

¹⁷(Cristina Lodoño): “Você já disse que quando criança nunca sonhou em ser a Cinderela”. (Allende): “não não, eu queria ser o príncipe, a Cinderela era péssima, ela passava o tempo limpando panelas e lavando roupa e depois vai ao baile, perde o sapatinho e encontra o príncipe, em vez disso o príncipe se diverte o tempo todo”. (Cristina Lodoño): “Então era isso que você queria?”. (Allende): “Eu queria fazer o cavalo ou o príncipe, mas em nenhum caso a Cinderela.” Tradução nossa. (Telemundo, 2017, 02min52s, tradução nossa).

escritoras influentes, como Virginia Woolf; Simone de Beauvoir, Eve Ensler: dramaturga, feminista y activista social estadounidense, Sylvia Plath e Margareth Atwood, poeta e ativista política canadense. A união dos pensamentos e inspirações de grandes intelectuais às características do realismo mágico, caracterizam expressamente sua narrativa na ficção.

O primeiro romance publicado por Allende foi “*La Casa de los Espíritus*” (1982). Em pleno boom da literatura latinoamericana em que predominavam os autores masculinos, Allende (2020, p.63) pontuou sobre o fenômeno literário:

El boom fue un fenómeno masculino. Las escritoras de Latinoamérica eran ignoradas por críticos, profesores, estudiantes de literatura y por las editoriales, que en caso de publicarlas lo hacían en ediciones insignificantes, sin promoción ni distribución adecuadas. La aceptación que tuvo mi novela fue una sorpresa. Se dijo que había tomado el mundo literario por asalto. (Allende, 2020 p.63).¹⁸

Esta obra possui um cunho sentimental imenso, devido ao momento delicado em que escreveu. Na Venezuela, em 8 de janeiro de 1981, Allende recebeu uma ligação em que o conteúdo consistia em contar que o seu querido avô estava morrendo. Em uma tentativa de escapar da negação ao luto, decidiu escrever uma carta para ele, o que mais tarde viria a se converter na sua grande virada de chave.

Figura 3- Allende iniciando a escrita de seu primeiro romance em Caracas (1982)



Fonte: Facebook (Allende, 2022)

Após o sucesso alcançado com "*La Casa de los Espíritus*" (1982), vieram tantos outros, somando 29 livros publicados.

¹⁸ “O boom foi um fenômeno masculino. As escritoras da América Latina eram ignoradas por críticos, professores, estudantes de literatura e pelas editoras, que, caso as publicassem, faziam-no em edições insignificantes, sem promoção nem distribuição adequada. A aceitação que meu romance teve foi uma surpresa. Afirmou-se que eu tinha tomado o mundo literário de assalto.” (Allende, 2020 p.63, tradução nossa).

Em um compilado de perguntas e respostas na seção [entrevista]¹⁹ do seu site, menciona que após o sucesso do *boom* literário, manteve a data 8 de janeiro para iniciar os outros livros para atrair sorte. Na seção da [biografia]²⁰ oficializa que obteve tradução para mais de 42 idiomas, vendendo mais de 80 milhões de exemplares, além de contar com duas produções cinematográficas, com adaptações de suas obras no cinema, teatro, ópera, rádio, ballet e musicais.

Desse modo, tais feitos a consagram como a escritora contemporânea mais lida em língua espanhola e uma das mais importantes da América Latina. Além disso, recebeu quinze doutorados honorários, e a somatória de 60 prêmios internacionais. Entre os quais destacamos, O Prêmio de melhor Romance do ano, no Chile (1983), o Prêmio Nacional de licenciatura no Chile (2010), Prêmio Cidade de Alcalá das Artes e Letras, na Espanha (2011), bem como a medalha da liberdade nos Estados Unidos, a mais elevada distinção civil, em 2014.

Figura 4- Allende recebendo a Medalha da Liberdade em 2014



Fonte: Revista ELLE (Kaur, 2021)

Ademais dos grandes títulos já mencionados ao longo do texto, ressaltamos outros como, *De amor y Sombra* (1984), *Afrodita* (1997), *El Amante Japonês* (2015), *Violeta* (2022),

¹⁹ ALLENDE, Isabel. [Entrevista]. 2024. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/es/interview>. Acesso em: 26 jul. 2024.

²⁰ ALLENDE, Isabel. [Biografia]. 2024. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/es/bio>. Acesso em: 24 jul. 2024.

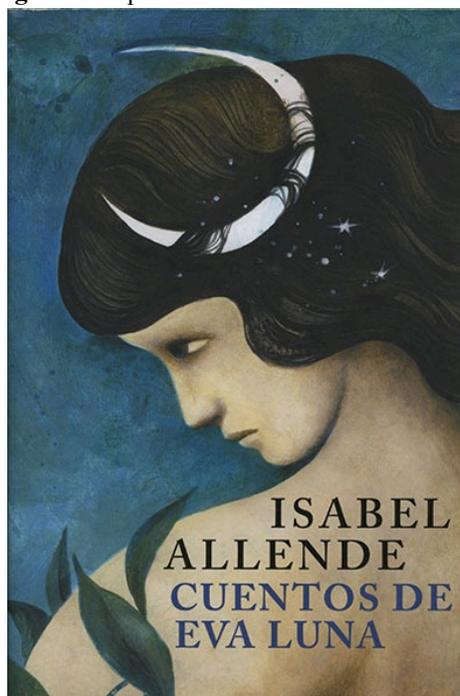
Zorro (2005), *Inés de Alma Mía* (2006), *Eva Luna* (1987), e em destaque a obra que está sendo objeto deste estudo, *Cuentos de Eva Luna* (1989).

3.1 Cuentos de Eva Luna

Antes de traçar uma análise sobre "*Cuentos de Eva Luna*", é necessário fazer uma retrospectiva de outra obra de Allende, intitulada de "*Eva Luna*", publicada em (1987). Nesta obra, Allende transforma *Eva Luna* em uma narradora e personagem latinoamericana, uma voz segura em que conta sua própria vida, uma jovem aventureira, em que por seu caminho encontra amor, amizades e sucesso.

Cuentos de Eva Luna foi publicado em 1989, e assim como sugere o título, *Eva Luna* é a voz que segue narrando as novas histórias. O objetivo desta obra é apresentar distintas histórias, personagens e condições sociais com um toque eufórico e nostálgico através da sensibilidade artística da narradora, além de possibilitar uma reflexão real sobre os problemas sociais persistentes na América Latina, já que todos os contos são ambientados nesta região.

Imagem 5- Capa do livro "*Cuentos de Eva Luna*"



Fonte: Homepage - Isabel Allende (2024)

Destarte, ambas obras dialogam entre si. Neste processo de narração, *Eva Luna* reencontra com personagens já conhecidos, como Riad Halabi, a professora Inês, o Benfeitor, ademais de Rolf Carlé, em que aparece logo ao início, em um monólogo com *Eva Luna*, e

deitado em sua cama, ele a pede que conte uma história, e ela prontamente contesta "—¿Cómo lo quieres? —Cuéntame un cuento que no le hayas contado a nadie." (Allende, 2018, p.14)²¹, e assim sucedeu, escreveu 23 contos, presenteando a Rolf e aos leitores. *Cuentos de Eva Luna*, foi o 4º livro publicado de Isabel Allende.

A obra faz-se grandiosa não somente pela quantidade de contos, mas sim pela intensidade presente em cada enredo, iniciando com o conto "*Dos Palabras*" e o que marca o encerramento é "*De Barro Estamos Hechos*". O romance contrasta uma colisão de sentimentos, memórias, amor, nostalgia, vingança, morte, e luxúria, segundo Azeem (2016, p.150):

En esta novela, el cuerpo y el erotismo ocupan un lugar privilegiado, es que hay una referencia obvia al cuerpo femenino que incluye la descripción de las fortalezas, señales de belleza, debilidades, los sufrimientos de la voz femenina por el maltrato del patriarcado. (Azeem, 2016, p.150).²²

Retomando a descrição de Azeem, o livro está lotado de diversidade, tanto em mudança de ambiente, quanto na representação dos papéis femininos, o que demonstrou como cada mulher pode mudar ou fazer seu destino através das suas próprias escolhas. Foi esse entrelaçamento diverso de emoções nas histórias que acarretou a escolha desta obra para análise. Nesta perspectiva, conhecendo brevemente a história de Allende, e entendendo que ela é escritora feminista como sempre faz questão de mencionar em entrevistas e evidenciou isso em *Mujeres de Alma Mía* (2021), sobretudo, engajada na política e na luta contra o patriarcado. Ao que se sabe, quase todas as suas protagonistas femininas "*son apasionadas, porque esa es la gente que me interesa, la que se arriesga y es capaz de cometer acciones obsesivas o peligrosas, como dice el diccionario. "Una vida tranquila y segura no es buen material para la ficción"*" (Allende, 2021, p.59)²³. Sob o mesmo ponto de vista, no conto "*Se me Tocaras el Corazón*", a protagonista possui um comportamento condicionado, submisso e por vezes até mesmo alienado, e foi essa atitude que desencadeou a escolha específica deste conto para o estudo teórico.

²¹ "—Como queres que ele seja? — Conta-me um conto que nunca tenhas contado a ninguém." (Allende, 2018, p.12, tradução: MORAES, Rosemary).

²² "Neste romance, o corpo e o erotismo ocupam um lugar privilegiado, é que há uma referência óbvia ao corpo feminino que inclui a descrição das forças, sinais de beleza, fragilidades, sofrimentos da voz feminina devido ao mau tratamento do patriarcado". (Azeem, 2016, p.150, tradução nossa).

²³ "são apaixonadas, porque esse é o tipo de gente que me interessa: a que se arrisca e é capaz de cometer ações obsessivas ou perigosas, como diz o dicionário. Uma vida tranquila e segura não é bom material para a ficção". (Allende, 2021, p.59, tradução nossa).

4 A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE MANUTENÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO CONTO *SI ME TOCARAS EL CORAZÓN*

A fim de compreender como estão representadas as relações poder e submissão no conto “*Si me tocas el Corazón*” e o resultado das forças e meios de manutenção quando aplicadas, nos utilizaremos da teoria sobre o patriarcado e violência, sob o ponto de vista da autora, Isabel Allende (2021), afinal, nada melhor do que entender o pensamento da autora sobre determinadas problemáticas, para assimilar como essas refletem através da ficção.

O conto *Si me tocas el corazón* (2018), narra a história trágica de Hortensia, uma jovem de 15 anos que se envolve inicialmente com Amadeo Peralta, aos seus 32 anos, um homem rico e poderoso. Inicialmente, a relação entre os dois se caracteriza por uma “paixão” intensa, mas logo se transforma em algo muito mais sombrio. Amadeo, decide aprisioná-la em um porão de sua propriedade, e vive a base de falsas promessas “*Espérame aquí, niña. Voy afuera a hacerme muy rico. Te traeré regalos, vestidos y joyas de reina -le dijo al despedirse. -Quiero hijos -dijo Hortensia. -Hijos no, pero tendrás muñecas.*” (Allende, 2018, p.80-81)²⁴. No entanto, esse discurso e tentativa de preservar a imagem inocente da menina durou apenas o primeiro mês, pois esqueceu-se dos presentes, das bonecas e até mesmo da jovem que permaneceu isolada do mundo por décadas.

Amadeo segue sua vida com riqueza e poder, ignorando a existência de Hortensia, que aos poucos vai perdendo a sanidade, transformando-se fisicamente e mentalmente devido à solidão e abandono. Após esquecer dela por 9 dias e não a levar nenhum suprimento, inicia-se um novo ciclo, a jovem passa a viver em uma espécie de estado primitivo, sem consciência de sua própria degradação. Sua pele se enche de escamas causada por fungos, suas pernas se deformam, e ela se torna uma criatura de aparência selvagem, vivendo apenas para tocar um saltério, o instrumento musical que a mantém conectada a uma vaga lembrança de sua humanidade.

Nesse estado de deterioração, apenas a índia hermética tinha permissão para limpar e cuidar dela, tornando-se cúmplice por não denunciar o absurdo do que estava acontecendo, ao ser questionada se não tinha pena da situação que se encontrava a mulher, respondeu friamente: “*no tuvo lástima porque creyó que la otra tenía vocación de esclava y por lo mismo era feliz siéndolo, o que era idiota de nacimiento y, como tantos en su condición,*

²⁴ “Espere-me aqui, menina. Vou sair por aí, tornar-me rico. Vou trazer presentes, vestidos e jóias de rainha - disse-lhe ao despedir-se. -Quero filhos - disse Hortênsia. - Filhos não, mas terá bonecas”. (Allende, 2021, p.67, tradução: MORAES, Rosemary).

mejor estaba encerrada que expuesta a las burlas y peligros de la calle.” (Allende, 2018, p.81)²⁵. Enquanto isso, Amadeo prosperou, continuou expandindo seus negócios e relações políticas, sendo temido por todos na região. A cidade, onde a história se passa, cujo o nome não é mencionado, característica essa que transmite a ideia que essa situação de hortênsia poderia acontecer, ou acontece, em qualquer cidade da América Latina. Vive sob os rumores da existência de uma mulher prisioneira em sua propriedade, mas ninguém tem coragem de confrontá-lo diretamente, *“La indiferencia que durante casi medio siglo rodeó a la prisionera, se convirtió en pocas horas en pasión por vengarla y socorrerla”*. (Allende, 2018, p.85)²⁶. Provando ser um ambiente marcado pela hierarquia social e pelo silêncio cúmplice da comunidade, atormentados pelo medo daquele que obtinha o poder naquela região.

O clímax da história ocorre quando três meninos, ao explorarem as ruínas de um antigo engenho de açúcar da família Peralta, descobrem o porão onde Hortensia está presa. O grito das crianças provoca uma comoção pública, e logo a verdade sobre o crime de Amadeo vem à tona. Hortensia é resgatada, mas em condições deploráveis, quase irreconhecível como um ser humano. Amadeo, por sua vez, é preso, e a notícia de seus crimes choca o país.

En la cueva encontraron a una criatura desnuda, con la piel flácida colgando en pálidos plieges, que arrastraba unos mechones grises por el suelo y gemía aterrorizada por el ruido y la luz. Era Hortensia, brillando con fosforescencia de madreperla bajo las linternas implacables de los bomberos, casi ciega, con los dientes gastados y las piernas tan débiles que casi no podía tenerse de pie. La única señal de su origen humano, era un viejo salterio apretado contra su regazo. (Allende, 2018, p.84-85).²⁷

Após seu resgate, Hortensia passa a viver em um asilo, onde é cuidada, mas nunca se recupera totalmente de seus anos de cativo. Mesmo após a prisão de Amadeo, ela ainda o visita diariamente, levando-lhe comida e tocando o saltério do lado de fora da prisão, enquanto ele definha em sua cela, um momento da inversão dos papéis, agora ele se encontrava em cárcere, e ela em liberdade. Amadeo, já perdido em um torpor de culpa e esquecimento, mal se lembra do que o levou àquela situação, mas o som do instrumento de Hortensia o atormenta até sua morte.

²⁵ “Não tivera pena porque acreditara que a outra tinha vocação de escrava e que, por isso mesmo, era feliz em sê-lo, que era idiota de nascença e, como tantos da sua condição, melhor estaria fechada do que exposta aos enganos e perigos da rua.” (Allende, 2021, p.67, tradução: MORAES, Rosemary).

²⁶ “A indiferença que, durante quase meio século, rodeou a prisioneira transformou-se, em poucas horas, em paixão para vingá-la e socorrê-la.” (Allende, 2021, p.70, tradução: MORAES, Rosemary).

²⁷ “No porão encontraram um ser nu, com a pele flácida caindo em pregas pálidas, que arrastava madeixas cinzentas pelo chão e que gemia, aterrorizada pelo ruído e pela luz. Era Hortênsia, brilhando com a fosforescência de madreperla sob as lanternas implacáveis dos bombeiros, quase cega, com os dentes gastos e as pernas tão fracas, que quase não se podia manter em pé.” (Allende, 2021, p.70, tradução: MORAES, Rosemary).

O conto retrata com rigidez as relações de poder e submissão, com Amadeo representando o patriarca tirano que domina com impunidade, e Hortensia a vítima que, privada de sua liberdade e dignidade, se desumaniza aos poucos. Ao mesmo tempo, o silêncio cúmplice da sociedade em torno desse abuso ressalta a indiferença coletiva diante da opressão.

Assim como vimos anteriormente em Foucault (1979 e 2006), o poder é refletido através das relações, permeando todos os espaços, corpos e interações. A narrativa de *Si me tocaras el corazón*, representa bem como é se apropriar do poder para utilizar-se dele para benefício próprio. Amadeo, 32 anos, sem estudos, pois segundo o seu pai “*los estudios son para maricones, no se requieren libros para triunfar en la vida, sino cojones y astucia*”²⁸ (Allende, 2018, p.76), continha uma *turbia* fama, ou seja, a personalidade intragável que herdara dos ensinamentos e discursos machistas elaborados pelo patriarca da família Peralta.

O patriarcado segundo Saffioti (2015) consiste na o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens, atuando como expressão da violência e do machismo, e na América Latina é ainda mais evidente. Na história, o protagonista, era acostumado a fazer o que bem quisesse, seduzia mulheres e abandoná-las, sem nenhum tipo de consequência, replicava os meios persuasivos do poder, neste caso a manipulação. E esse tipo de atitude sem nenhuma punição, demonstra o descaso dos homens com as mulheres desde uma perspectiva histórica.

Seguindo os conselhos do pai para desconstrução da péssima imagem e corrupção da família, se viu obrigado a tomar a decisão de casar, não concordava, mas não tinha coragem para contrariar. O casamento aqui, nada mais é do que uma forma de negócio, um meio de consolidar-se na nova ordem social. E assim o fez, casou-se com a filha de um fazendeiro influente na região, e com essa teve 9 filhos legítimos, ademais dos incontáveis bastardos das suas aventuras.

Dos atos mais sujos, o pior deles foi talvez a atitude que tomou quando conheceu a jovem Hortensia, com recentes 15 anos completos. Pouco antes do seu casamento, em uma viagem a Água Santa, onde vê a jovem Hortensia pela primeira vez, “*Ven, niña —la llamó, por último. Ella levantó la cara y a pesar de la distancia él distinguió los ojos asombrados y la sonrisa incierta en un rostro todavía infantil—. Ven conmigo —mandó, imploró Amadeo*

²⁸ “Estudios são para os efeminados; não são preciso livros para triunfar na vida, mas colhões e astúcia.” (Allende, 2022, p.63, tradução: MORAES, Rosemary).

con la voz seca.”²⁹ (Allende, 2018, p.77). Com o decorrer da situação, utilizou de um discurso eloquente e manipulador, tentando convencê-la de que ela seria a mulher dos seus sonhos, a destinada para ele.

Para él fue tan fácil llevarla hasta su coche y conducirla a un descampado, que una hora después ya la había olvidado por completo. Tampoco pudo recordarla cuando una semana más tarde ella apareció de súbito en su casa, a ciento cuarenta kilómetros de distancia, vestida con un delantal de algodón amarillo y alpargatas de lona, con su salterio bajo el brazo, encendida por la fiebre del amor. (Allende, 2018, p.78).³⁰

Essa foi a primeira forma de abuso e violência que sofreu Hortensia. Um homem 17 anos mais velho, sentiu que poderia possuir a jovem como bem quisesse, afinal, nunca houveram consequências em seus atos, e tinha consciência que não seria responsabilizado por isso. Este momento pode ser explicado através dos conceitos de dominação masculina e violência simbólica, definidas por Bourdieu (2012), e discutidos anteriormente, em que se trata de um tipo de força e discurso persuasivo e manipulador em que é exercido, todavia, também encontramos neste trecho o poder aplicado de forma corretiva, por meio do uso da força física, como vimos em Weber (1999).

Os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão (...) Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências à "submissão", dadas por vezes como pretexto para "culpar a vítima", são resultantes das estruturas objetivas, como tam bém que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução. (Bourdieu, 2012, p.53).

Para Bourdieu (2012) o poder simbólico não acontece sem a colaboração de quem está sendo subordinado, no entanto, também expõe que não se pode atribuir a culpa apenas a mulher, podemos compreender que estes mecanismos a que ele refere são resultados de uma alienação e dos esquemas de percepção como vimos anteriormente, o que leva a reprodução inconsciente de determinados comportamentos submissos. Se levarmos isto em consideração, percebemos que Hortensia foi vítima desde o início da relação, deixando-se levar por um discurso bastante eloquente e manipulador, bem como de promessas ilusórias feitas por Peralta. A jovem com apenas 15 anos não tinha discernimento suficiente para distinguir se isso era falso ou não, agora ela só tinha as marcas do “amor” e da persuasão.

²⁹ “Vem, menina. Chamou-a finalmente. Ela ergueu o rosto e, apesar da distância, ele distinguiu os olhos assustados e um incerto sorriso num rosto ainda infantil. Vem comigo, ordenou. implorou Amadeo com a voz seca.” (Allende, 2022, p.64, tradução: MORAES, Rosemary).

³⁰ “Para ele foi tão fácil levá-la até o carro e conduzi-la a um descampado, que já a tinha esquecido por completo uma hora depois. Nem pôde lembrar-se dela quando lhe apareceu em casa, a cento e quarenta quilômetros de distância, uma semana depois, vestindo uma jardineira de algodão amarelo, alpargatas de lona e seu saltério debaixo do braço, incendiada pela febre do amor”. (Allende, 2022, p.64, tradução: MORAES, Rosemary).

Uma semana após o abuso, a 140 quilômetros de distância, Hortensia aparece em frente a casa de Amadeo Peralta, e uma semana antes de se casar e sem saber como a jovem tinha chegado ali, não pensou duas vezes em escondê-la. Para ela foi apenas um encontro amoroso, e o que Hortensia julgava ser amor, seria mais tarde o seu pesadelo mais real.

Seguindo, Peralta não estava preocupado de que forma poderia acomodar a jovem, muito menos estava apaixonado por ela, mas por capricho a prendeu, questionado mais tarde quando foi descoberto “-¿Por qué la tuvo encerrada como una bestia miserable? -acosaron los reporteros a Amadeo Peralta. -Porque se me dio la gana, -replicó él calmadamente”. (Allende, 2018, p.78)³¹. Aos 80 anos, ainda lúcido, não demonstrava ter se arrependido do feito que durou quarenta e sete anos.

No estaba dispuesto a dar explicaciones. Era hombre de palabra autoritaria, patriarca y bisabuelo, nadie se atrevía a mirarlo a los ojos y hasta los curas lo saludaban con la cabeza inclinada. En su larga vida acrecentó la fortuna heredada de su padre, se adueñó de todas las tierras desde las ruinas del fuerte español hasta los límites del Estado y después se lanzó a una carrera política que lo convirtió en el cacique más poderoso de la zona. (Allende, 2018, p.78).³²

É possível notar que, Amadeo Peralta representa fielmente esse arquétipo de homem “poderoso e soberano”, o símbolo da impunidade que segue um modelo patriarcal clássico de homem machista e autoritário aos moldes da América Latina. Além disso, um narcisista que conseguiu englobar todas as características negativas possíveis do exercício de poder, que tanto abordamos ao longo deste estudo. A partir do momento em que se aproveita da sua posição e prestígio social para exercer seu poder de dominação sobre a personagem feminina, Hortensia, a tornando submissa e totalmente dependente de suas vontades, bem como, o personagem não demonstra sentir nenhum tipo de arrependimento e confia no seu status para se manter impune diante de todas as suas ações.

Nesta perspectiva, as estruturas patriarcais ainda continuam a influenciar e moldar as relações sociais, e conseqüentemente também implica na esfera literária, assim para Araújo e Lima (2021):

Com o passar do tempo, a crítica feminista levou avante um processo de tensionamento e problematização da condição feminina, assim, imposições que eram consideradas naturais passam a serem questionadas. No entanto, esse fenômeno acontece de maneira processual e não espontânea, logo, ainda é possível encontrar situações de desigualdade, afinal, por mais que seja questionado, o patriarcado ainda segue enraizado na sociedade. (Araújo e Lima, 2021, n.p.).

³¹ “Por que a manteve trancada, como um animal selvagem? perguntaram os repórteres a Amadeo Peralta. Porque me deu vontade, respondeu calmamente”. (Allende, 2022, p.65, tradução: MORAES, Rosemary).

³² “Não estava disposto a dar explicações. Era um homem de palavra autoritária, patriarca e bisavô, ninguém se atrevia a olhá-lo nos olhos, e até os padres o saudavam de cabeça inclinada. Na sua longa vida aumentou a fortuna herdada do pai, apoderou-se de todas as terras desde as ruínas do forte espanhol até os limites do Estado, lançando-se depois em carreira política que o tornou o cacique mais poderoso da região.” (Allende, 2022, p.65, tradução: MORAES, Rosemary).

Retomando as críticas apresentadas pelas autoras, a demonstração das relações de poder podem culminar em dominação e submissão, a escrita feminina então passa a evidenciar esse processo de forma detalhada e mais consciente, assim como exposto nas características apresentadas na narrativa do conto. Allende entende como esse tipo de relação era recorrente e normalizado, e não que atualmente não continue acontecendo, mas para a sociedade e a lei, hoje isso é uma prática inaceitável. Também fez suas considerações ao que entende sobre patriarcado, na sua visão:

A pesar de que han cambiado muchas de las leyes discriminatorias, el patriarcado sigue siendo el sistema imperante de opresión política, económica, cultural y religiosa que otorga dominio y privilegios al sexo masculino. Además de misoginia — aversión a la mujer—, este sistema incluye diversas formas de exclusión y agresión: racismo, homofobia, clasismo, xenofobia, intolerancia hacia otras ideas y hacia personas que sean diferentes. El patriarcado se impone con agresión, exige obediencia y castiga a quien se atreva a desafiarlo. (Allende, 2021, p.13).³³

A escritora produziu a personagem Hortensia, com o intuito de enfatizar como as mulheres são objetificadas e violentadas em nome do que poderia ser considerado “amor” e como a dominação masculina é naturalizada, ao ponto da submissão tornar-se uma escolha, e não somente na ficção. A problemática inicia-se quando se percebe a idade de diferença entre os personagens desde o primeiro envolvimento, com 15 anos a jovem tinha traços de criança. Não suficiente, a ilusão de viver um grande amor sem se dar consciência que aquela atitude de Peralta, já se considerava um crime.

No contexto histórico da América Latina, casamentos arranjados eram feitos quando a moça ainda era muito jovem e a idade nem sempre era próxima, então isso podia não causar estranheza para a época, entretanto, não anula o fato de ser mal visto perante a sociedade. Hoje, essa violência se configura um crime horrendo, e apesar da justiça ainda ser muito falha mediante a esses crimes, houveram avanços. A vítima se encontrava cega, surda e muda, totalmente alheia e alienada ao que se passava. “¿Cómo no tener miedo si el mundo se confabula para asustarnos? (...) La respuesta es obvia: la violencia y el miedo son instrumentos de control.” (Allende, 2021, p.93-94)³⁴. A afirmação feita por Allende (2021), sugere que o mundo se organiza de forma a gerar um constante estado de medo nas mulheres, seja por meio de violência física, psicológica, ou posição de vulnerabilidade. Esse medo, que

³³ “A pesar de muitas leis discriminatórias terem mudado, o patriarcado continua sendo o sistema imperante/imperante de opressões política, econômica, cultural e religiosa, que outorga domínio e privilégios ao sexo masculino. Além da misoginia — aversão à mulher —, esse sistema inclui diversas formas de exclusão e agressão: racismo, homofobia, classismo, xenofobia, intolerância em relação a outras ideias e a pessoas que sejam diferentes. O patriarcado se impõe com agressão, exige obediência e castiga quem se atreva a desafiar-lo.” (Allende, 2021, p.13, tradução nossa).

³⁴ “Como não ter medo se o mundo confabula para nos assustar? A resposta é muito óbvia: a violência e o medo são instrumentos de controle.” (Allende, 2021, p.93-94, tradução nossa).

é alimentado pela sociedade, torna-se uma ferramenta de controle, impedindo que as mulheres se expressem livremente, desafiem sistemas de opressão ou busquem seus direitos de maneira plena. Assim, a violência e o medo são utilizados como mecanismos para limitar sua autonomia, reforçar estereótipos e perpetuar desigualdades.

A protagonista deste conto é o exemplo para o que foi mencionado pela autora, Hortensia, vítima de inúmeros tipos de violência e perversidade, em que acreditava ser um sentimento de carinho e cuidado, declarando quando foi resgatada “*Él me quiere, siempre me ha querido*” (Allende, 2018, p.79). As consequências e mudanças foram tantas que se foi convertendo em uma espécie de criatura subterrânea.

En esa tumba se agudizaron sus sentidos y aprendió a ver lo invisible, la rodearon alucinantes espíritus que la conducían de la mano por otros universos. Mientras su cuerpo permanecía encogido en un rincón, ella viajaba por el espacio sideral como una partícula mensajera, viviendo en un territorio oscuro, más allá de la razón. Si hubiera tenido un espejo para mirarse se habría aterrado de su propio aspecto, pero como no podía verse no percibió su deterioro, no supo de las escamas que le brotaron en la piel, de los gusanos de seda que anidaron en su largo cabello convertido en estopa, de las nubes plumizas que le cubrieron los ojos ya muertos de tanto atisbar en la penumbra. No sintió cómo le crecían las orejas para captar los sonidos externos, aun los más tenues y lejanos (...). Tampoco se dio cuenta de que sus piernas antes graciosas y firmes, se torcieron para acomodarse a la necesidad de estar quieta y de arrastrarse, ni que las uñas de los pies le crecieron como pezuñas de bestia, los huesos se le transformaron en tubos de vidrio, el vientre se le hundió y le salió una joroba. Sólo las manos mantuvieron su forma y tamaño. (Allende, 2018 p.82)³⁵

Este trecho do conto nos revela a transformação de Hortensia em uma criatura desumanizada, isolada e profundamente marcada pela solidão e pela degradação física e psicológica. Confinada em seu cativeiro, sua mente tenta escapar por meio de alucinações, mas seu corpo sofre mudanças monstruosas: sua pele se cobre de escamas, seus olhos se tornam cegos, e suas pernas perdem a forma humana, simbolizando como o aprisionamento a corrói por completo. Sem espelhos para ver sua aparência, e privada das demais interações, Hortensia passa pelo processo de despersonalização, restando-lhe apenas sua voz rouca por ter perdido o uso das palavras e as suas mãos, uma lembrança silenciosa da vida e da habilidade musical que já teve.

³⁵ “Naquele túmulo aguçaram-lhe os sentidos, aprendeu a ver o invisível, foi rodeada por espíritos alucinantes que a levavam pela mão para outros universos. Enquanto seu corpo permanecia encolhido num canto, ela viaja pelo espaço sideral, como partícula mensageira, vivendo em território obscuro, muito além da razão. Se tivesse tido um espelho para ver, teria sentido medo da própria aparência, mas, como não se podia ver, não percebeu seu desfazer-se nem as escamas que lhe saíram da pele, os bichos-da-seda que fizeram ninho no seu longo cabelo feito estopa, as nuvens de chumbo que lhe cobriam os olhos já mortos de tanto espreitar a penumbra. Não sentiu como lhe cresciam as orelhas para captar os ruídos externos, mesmo os mais tênues e longínquos (...). Nem se deu conta que suas pernas, antes bonitas e firmes, se tinham entortado pela necessidade de estar quieta e de se arrastar, nem de que as unhas dos pés lhe cresceram como cascos de animal ou de que os ossos se lhe tinham transformado em tubos de vidro, e o ventre mirrara, e lhe crescera uma corcova. Só as mãos mantiveram a forma e o tamanho.” (Allende, 2021, p.68, tradução: MORAES, Rosemary).

Conforme vimos anteriormente em Silva (2009), em que ressalta a identidade como algo fluido, instável e profundamente conectado a estruturas sociais, narrativas e relações de poder. Aplicando essa perspectiva ao caso da protagonista Hortensia, mantida em cárcere por 47 anos, surgem agravantes que impactaram na sua perda de identidade, pois, a ausência de interação social impede o processo relacional de construção de identidade. Sem o "outro" como referência, a personagem perde sua narrativa pessoal e sofre uma fragmentação psicológica. No cárcere, Peralta vai monopolizar sua história, distorcendo a identidade da personagem. Ela é reduzida a um estado de submissão, perdendo sua autonomia e percepção da realidade. Em condições extremas, a identidade é suprimida, substituída pela luta pela sobrevivência. Isso dificulta a preservação de traços pessoais e subjetividades, e foi assim que Hortensia não se deu conta do tempo e dos prejuízos causados. Ao ser libertada aos 62 anos, a personagem enfrenta desafios significativos para reconstruir sua identidade, necessitando de apoio psicológico para resgatar memórias, e interação social para finalmente construir uma individualidade e referências próprias.

A passagem também faz uma denúncia sobre o impacto da objetificação e do abandono, enfatizando os efeitos devastadores de uma violência que se apodera de sua vítima e a transforma em um estorvo sombrio de si mesma. Diante disso, como destacamos inicialmente a submissão para Garcia (2020), Refere-se a uma atitude passiva, caracterizada pela escolha de submeter-se ou acatar uma autoridade ou forma de controle, optando por agir de maneira contrária ou favorável ao poder que lhe é imposto. Para Beauvoir (1970, p.65), a submissão provém de um complexo de inferioridade e a submissão amorosa, seria um tipo de solução que seria facilitada, pois a mulher:

“busca no amante ou no marido, e o amor sexual acompanha-se nela do desejo de ser dominada. Será recompensada pela maternidade que lhe restitui uma espécie de autonomia. Esse drama apresenta-se dotado de um dinamismo próprio; procura desenrolar-se através de todos os acidentes que o desfiguram e cada mulher aceita-o passivamente”. (Beauvoir, 1970, p.65).

Hortensia então aceitou a submissão de maneira natural ou foi condicionada a isso? Hortensia foi vítima de tantos tipos de violência, que não podemos afirmar que isso foi natural, muito pelo contrário, as consequências das forças utilizadas contra ela, juntamente ao ambiente em que se encontrava foi a solução para se apegar na ideia de que tudo o que passara a ela, era amor, “é totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições” (Bourdieu, 2012, p.51). A protagonista é um reflexo da mulher

latinoamericana que sofreu por essas relações de poder, Hortensia não nasceu submissa, não tinha vocação para escrava como acreditava a Índia hermética que a cuidou enquanto adoeceu, mas foi a coagida a ser, neste caso, necessitou ser até mesmo por uma questão de sobrevivência. Após 47 anos vivendo em cárcere, e em uma solidão inexplicável, quando finalmente é resgatada por volta de seus 62 anos, a mulher não recordava nem o seu próprio nome, pois foi silenciada, abusada, esquecida, consagrando-se em uma espécie de marionete para a satisfação dos caprichos de Amadeo Peralta.

Neste contexto, conforme a romancista *“El patriarcado es pétreo. El feminismo, como el océano, es fluido, poderoso, profundo y tiene la complejidad infinita de la vida, se mueve en olas, corrientes, mareas y a veces en tormentas furiosas. Como el océano, el feminismo no se calla”*. (Allende, 2021, p.14). Retomando essa ideia, Isabel Allende nos dá um “choque” de realidade. É desumano na literatura, é ainda pior quando se sabe que não é um caso isolado ou puramente fictício. Ser mulher em uma sociedade patriarcal não é fácil, por isso, apoiar movimentos de resistência passa a ser uma necessidade e não apenas uma escolha, e embora tenham ocorrido avanços significativos nas últimas décadas, com a conquista de direitos e a ascensão de movimentos feministas, ainda há um longo caminho a percorrer.

Quando mencionamos esses movimentos, não nos referimos ao radicalismo, como o discurso de ódio e separatismo aos homens, afinal, a mídia utiliza dessa imagem e discurso para descredibilizar o que realmente importa, e defende. Portanto, não se trata de apelar para violência, muito pelo contrário, é um clamor por paz, direito à igualdade, conforme são previstos pela lei, o direito da segurança para a mulher nos demais espaços sociais, bem como, de romper o desequilíbrio dessas forças e se fazer valer do poder de forma correta através de incentivos a políticas públicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esta pesquisa se dedicou a explorar as concepções de poder e suas manifestações nas relações sociais e amorosas, investigando os efeitos e as formas com que o poder atua nos corpos e espaços da sociedade. Inicialmente, analisamos as teorias e práticas de poder, destacando e atestando como, em um contexto patriarcal, sustenta-se a dominação masculina e a submissão da mulher acontece em consequência desse pensamento. Esse cenário de forças em desequilíbrio perpetua conflitos e uma série de violências, sejam elas de gênero, físicas ou psicológicas, o que mantém as mulheres em uma posição de desvantagem e vulnerabilidade socialmente.

Por conseguinte, abordamos a vida e obra de Isabel Allende, enfatizamos que é uma escritora de grande relevância na literatura latino-americana contemporânea. Allende é, portanto, uma voz de destaque ao tratar com maestria de temas sociais complexos como de poder e submissão na sociedade latino-americana, através da ficção. Ao investigar os traços biográficos e literários de Allende, observamos como suas experiências pessoais e suas memórias influenciam e contribuem na construção de seus romances e contos, formando narrativas que refletem a realidade de muitas mulheres e explora com profundidade a opressão, o amor e a resistência feminina.

Em resumo, à análise do conto "*Si me tocaras el corazón*", presente no livro *Cuentos de Eva Luna*, reflete com intensidade as relações de poder e submissão. A história de Amadeo Peralta e Hortensia ilustra a brutalidade com que a dominação pode ser imposta e a maneira como a vítima, aqui simbolizada por Hortensia, é progressivamente desumanizada e privada de sua liberdade. Amadeo representa o arquétipo do patriarca tirano, que domina com impunidade, enquanto Hortensia, em seu cativeiro psicológico e físico, sofre o impacto devastador de um poder desmedido e impune. Essa relação reflete a indiferença e o silêncio cúmplice da sociedade, que, ao ignorar o sofrimento de Hortensia, contribui para a perpetuação da violência.

Diante disso, percebemos que as relações de poder e submissão estão presentes no contexto da América Latina, e foram representadas e evidenciadas no conto "*Si me tocaras el corazón*" através da violência de gênero, psicológica, subjugação feminina e solidão, características de uma estrutura social moldada ao contexto patriarcal. A impunidade de Amadeo, que se mantém em um lugar de prestígio apesar de seus atos, contrasta com a perda de dignidade e identidade de Hortensia, ressaltando a desigualdade que permeia essas

relações. Ademais, expõe de forma cruel as consequências devastadoras das relações de poder quando fundamentadas na dominação e coerção das vítimas. Hortensia, que, de uma paixão inicial, se vê aprisionada fisicamente e emocionalmente, representa uma denúncia ao poder desumanizador que aniquila aqueles em posição de vulnerabilidade.

Por fim, o conto sugere que o poder sem ética é um veneno destrutivo tanto para o opressor quanto para o oprimido. Amadeo viveu uma vida de privilégios, o final amargo e desorientado de sua existência o condena a uma espécie de prisão mental, onde os fantasmas de seus atos passados o perseguem, e embora tenha pago perante a sociedade quando foi preso, o mesmo não teve nenhum tipo de remorso ou arrependimento por seus atos. Ao mesmo tempo, Hortensia, reduzida a uma sombra de si mesma, não encontra na liberdade a redenção, pois sua identidade e humanidade foram irreparavelmente destruídas. Esse final sombrio convida o leitor a refletir sobre os efeitos duradouros da opressão e a importância de uma ação e educação consciente e compassiva em defesa das mulheres e de outros grupos vulneráveis em nossa sociedade, além de possibilitar uma visão crítica sobre o exercício de atuação do poder, afinal, não se trata de um problema imutável, e não é exclusivo da ficção.

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. **Allende iniciando a escrita de seu primeiro romance em Caracas (1982)**. 02 ago. 2022. Facebook: Isabel Allende. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=621373412675797&set=pcb.621373442675794>. Acesso em: 09 ago. 2024.
- ALLENDE, Isabel. [Biografia]. 2024. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/es/bio>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- ALLENDE, Isabel. **Capa do livro *Cuentos de Eva Luna***. 2024. Disponível em: https://www.isabelallende.com/es/book/stories/editions#stories_065. Acesso em: 04 ago. 2024.
- ALLENDE, Isabel. **Contos de Eva Luna**. Tradução: MORAES, Rosemary. 8ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.
- ALLENDE, Isabel. ***Cuentos de Eva Luna***. 1ª.ed. Montevideo: Editorial Sudamericana Uruguay, 2018.
- ALLENDE, Isabel. [Entrevista]. 2024. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/es/interview>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- ALLENDE, Isabel. **Quatro Gerações: Allende, seu avô, Panchita e Paula**. 23 jan. 2014. Facebook: Isabel Allende. Disponível em: <https://www.facebook.com/isabelallende/photos/pb.100044094311108.-2207520000/598845293523445/?type=3>. Acesso em: 4 ago. 2024.
- ALLENDE, Isabel. ***Mujeres del alma mía: Sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas***. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial - Edición en formato digital, 2021.
- ARAÚJO, A. T. S; LIMA, E. G. .DA SUBMISSÃO À TRANSGRESSÃO: Implicações dos papéis sociais na escrita feminina. **Enecult XVI: encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. v.2, Salvador, jul. 2021.
- AZEEM, Saadeya Mousa Abd El. ***La identidad femenina en los Cuentos de Eva Luna de Isabel Allende. "Estudio analítico del discurso narrativo feminista"***. **Candil: Revista del Hispanismo** - Egipto, ISSN 1110-6840, N°. 16, 2016, p. 129-156.
- BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da Esmesc**, v.25, n.31, p. 239-264, maio/ago. 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de MILLIET, Sérgio. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P. Sobre o Poder Simbólico. In: _____. **Poder simbólico**. Tradução: TOMAZ, Fernando. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 01-16.

CADEM. *Nuestra Historia*. 2023. Disponível em:

<https://cladem.org/nosotras-historia-y-mision>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CEPAL, **Nações Unidas**. Estados Unidos, 2016. Disponível em: <https://oig.cepal.org/pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.

DIAS, Reinaldo; MATOS, Fernanda. PATRIARCADO E O PODER: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR. RECIMA21 - **Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.]**, v. 4, n. 8, p. e483939, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i8.3939. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3939>. Acesso em: 10 out. 2024.

EMEDIATO, W. Manipulação e argumentação. **Rétor**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2023. DOI: 10.61146/retor.v13.n2.198. Disponível em: <https://www.aaretorica.org/revista/index.php/retor/article/view/198>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Entrevista completa a la escritora chilena Isabel Allende. Cristina Londoño. 04 ago. 2017. 1 vídeo (15:43min). Publicado pelo canal Noticias Telemundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVFIJCh20Nk>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 367 a 383, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6928>. Acesso em: 01 set. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). Tradução: RIBEIRO, V. L. A. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 230-238.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: MACHADO, R. (Org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GARCIA, Manon. *On ne naît pas soumise, on le devient* [Ebook]. Paris, Climats, 2018. _____ . **Não nascemos submissas, nos tornamos**. Tradução: Editora Subta, 2020.

KAUR, Wendy. **Allende na Marcha das Mulheres de 2017**. 2021. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/books/a35685828/the-soul-of-a-woman-isabel-allende-interview/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

KAUR, Wendy. **Allende recebendo a Medalha da Liberdade em novembro de 2014**. [2021]. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/books/a35685828/the-soul-of-a-woman-isabel-allende-interview/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

Memoria Chilena: Biblioteca Nacional de Chile. [s.d.]. **Isabel Allende (1942)**. Disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100654.html>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979 p. VII-XXIII.

MENEZES, T. D. de. A IDENTIDADE SOCIAL: UMA ANÁLISE TEÓRICA. **PROLÍNGUA**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13586>. Acesso em: 28 nov. 2024.

Moreira, Maria Cecília Gonçalves. **A violência entre parceiros íntimos: o difícil processo de ruptura**. Rio de Janeiro. 2005. p.17-29. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PORFIRIA. In: **ABRAPO**: Associação Brasileira de Porfíria. Curitiba, 2023. Disponível em: <https://www.porfiria.org.br/porfírias>. Acesso em: 25 jul. 2024.

QUIÉN SOMOS?. Ni una Menos. Argentina, [s.d]. Disponível em: <https://niunamenos.org.ar/quienes-somos/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TURBIA. In: **REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Diccionario de la lengua Española, 23.7ª ed.** Disponível em: <https://dle.rae.es/turbio#awQzqMZ>. Acesso em: 10 jul. 2024.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução: BARBOSA, Regis; BARBOSA, Karen. UnB: São Paulo, 1999.

ZAFALON, Míriam; ZOLIN, L. O. .A representação/(des)construção da submissão feminina em “A tia”, de Helena Parente Cunha. **Via Atlântica**, São Paulo, N. 24, 183-196, DEZ/2013.

ANEXO A – CONTO: SI ME TOCARAS EL CORAZÓN

Si me tocaras el corazón

Amadeo Peralta se crió en la pandilla de su padre y llegó a ser un matón, como todos los hombres de su familia. Su padre opinaba que los estudios son para maricones, no se requieren libros para triunfar en la vida, sino cojones y astucia, decía, por eso formó a sus hijos en la rudeza. Con el tiempo, sin embargo, comprendió que el mundo estaba cambiando muy rápido y que sus negocios necesitaban consolidarse sobre bases más estables. La época del pillaje desenfadado había sido reemplazada por la corrupción y el despojo solapado, era hora de administrar la riqueza con criterio moderno y mejorar su imagen. Reunió a sus hijos y les impuso la tarea de hacer amistad con personas influyentes y aprender asuntos legales, para que siguieran prosperando sin peligro de que les fallara la impunidad. También les encomendó buscar novias entre los apellidos más antiguos de la región, a ver si lograban lavar el nombre de los Peralta de tanta salpicadura de barro y de sangre. Para entonces Amadeo había cumplido treinta y dos años y tenía muy arraigado el hábito de seducir muchachas para luego abandonarlas, de modo que la idea del matrimonio no le gustó nada, pero no se atrevió a desobedecer a su padre. Comenzó a cortejar a la hija de un hacendado cuya familia había vivido en el mismo lugar por seis generaciones. A pesar de la turbia fama del pretendiente, ella lo aceptó, porque era muy poco agraciada y temía quedarse soltera. Ambos inicia-

ron entonces uno de esos aburridos noviazgos de provincia. Incómodo en su traje de lino blanco y sus botines lustrados, Amadeo la visitaba todos los días bajo la mirada atenta de la futura suegra o de alguna tía, y mientras la señorita servía café y pasteles de guayaba, él atisbaba el reloj calculando el momento oportuno de despedirse.

Pocas semanas antes de la boda, Amadeo Peralta tuvo que hacer un viaje de negocios por la provincia. Así llegó a Agua Santa, uno de esos lugares donde nadie se queda y cuyo nombre los viajeros rara vez recuerdan. Pasaba por una calle angosta, a la hora de la siesta, maldiciendo el calor y ese olor dulzón de mermelada de mangos que agobiaban el aire, cuando escuchó un sonido cristalino como de agua deslizándose entre piedras, que provenía de una casa modesta, con la pintura descascarada por el sol y la lluvia, como casi todas por allí. A través de la reja divisó un zaguán de baldosas oscuras y paredes encaladas, al fondo un patio y más allá la visión sorprendente de una muchacha sentada en el suelo con las piernas cruzadas, sosteniendo sobre las rodillas un salterio de madera rubia. Se quedó un rato observándola.

—Ven, niña —la llamó, por último. Ella levantó la cara y a pesar de la distancia él distinguió los ojos asombrados y la sonrisa incierta en un rostro todavía infantil—. Ven conmigo —mandó, imploró Amadeo con la voz seca.

Ella vaciló. Las últimas notas quedaron suspendidas en el aire del patio como una pregunta. Peralta la llamó de nuevo, ella se puso de pie y se acercó, él metió el brazo entre los barrotes de la reja, corrió el pestillo, abrió la puerta y la cogió de la mano, mientras le recitaba todo su repertorio de galán, jurándole que la había visto en sueños, que la había buscado toda su vida, que no podía dejarla ir y que era la mujer destinada para él,

todo lo cual podía haber omitido, porque la muchacha era simple de espíritu y no comprendió el sentido de sus palabras, aunque tal vez la sedujo el tono de la voz. Hortensia había cumplido recién quince años y su cuerpo estaba listo para el primer abrazo, aunque ella no lo sabía ni podía darle un nombre a esas inquietudes y temblores. Para él fue tan fácil llevarla hasta su coche y conducirla a un descampado, que una hora después ya la había olvidado por completo. Tampoco pudo recordarla cuando una semana más tarde ella apareció de súbito en su casa, a ciento cuarenta kilómetros de distancia, vestida con un delantal de algodón amarillo y alpargatas de lona, con su salterio bajo el brazo, encendida por la fiebre del amor.

Cuarenta y siete años más tarde, cuando Hortensia fue rescatada del foso donde había permanecido sepultada y los periodistas viajaron de todas partes del país para fotografiarla, ni ella misma sabía ya su nombre ni cómo llegó hasta allí.

—¿Por qué la tuvo encerrada como una bestia miserable? —acosaron los reporteros a Amadeo Peralta.

—Porque se me dio la gana —replicó él calmadamente. Para entonces ya tenía ochenta años y estaba tan lúcido como siempre, pero no comprendía aquel alboroto tardío por algo ocurrido tanto tiempo atrás.

No estaba dispuesto a dar explicaciones. Era hombre de palabra autoritaria, patriarca y bisabuelo, nadie se atrevía a mirarlo a los ojos y hasta los curas lo saludaban con la cabeza inclinada. En su larga vida acrecentó la fortuna heredada de su padre, se adueñó de todas las tierras desde las ruinas del fuerte español hasta los límites del Estado y después se lanzó a una carrera política que lo convirtió en el cacique más poderoso de la zona. Se casó con la hija fea del hacendado, con ella tuvo nueve descendientes legítimos y con otras mujeres engendró un número impreciso de bastardos, sin

guardar recuerdos de ninguna porque tenía el corazón definitivamente mutilado para el amor. A la única que no pudo descartar del todo fue a Hortensia, porque se le quedó pegada en la conciencia como una persistente pesadilla. Después del breve encuentro con ella entre las yerbas de un terreno baldío, regresó a su casa, su trabajo y su desabrida novia de familia honorable. Fue Hortensia quien lo buscó hasta encontrarlo, fue ella quien se le atravesó por delante y se aferró a su camisa con una aterradora sumisión de esclava. Vaya lío, pensó él entonces, yo a punto de casarme con pompa y fanfarria y esta niña desquiciada se me cruza en el camino. Quiso deshacerse de ella, pero al verla con su vestido amarillo y sus ojos suplicantes le pareció un desperdicio no aprovechar la oportunidad y decidió esconderla mientras se le ocurría alguna solución.

Y así, casi por descuido, Hortensia fue a parar al sótano del antiguo ingenio de azúcar de los Peralta, donde permaneció enterrada durante toda su vida. Era un recinto amplio, húmedo, oscuro, asfixiante en verano y frío en algunas noches de la temporada seca, amoblado con unos cuantos trastos y un jergón. Amadeo Peralta no se dio tiempo para acomodarla mejor, a pesar de que algunas veces acarició la fantasía de convertir a la muchacha en una concubina de cuentos orientales, envuelta en tules leves y rodeada de plumas de pavo real, cenefas de brocado, lámparas de vidrios pintados, muebles dorados de patas torcidas y alfombras peludas donde él pudiera caminar descalzo. Tal vez lo habría hecho si ella le hubiera recordado sus promesas, pero Hortensia era como un pájaro nocturno, uno de esos guácharos ciegos que habitan al fondo de las cuevas, sólo necesitaba un poco de alimento y agua. El vestido amarillo se le pudrió en el cuerpo y acabó desnuda.

—Él me quiere, siempre me ha querido —declaró, cuando la rescataron los vecinos. En tantos años de en-

cierro había perdido el uso de las palabras y la voz le salía a sacudones, como un ronquido de moribundo.

Las primeras semanas Amadeo pasó mucho tiempo en el sótano con ella, saciando un apetito que creyó inagotable. Temiendo que la descubrieran y celoso hasta de sus propios ojos, no quiso exponerla a la luz natural y sólo dejó entrar un rayo tenue a través de la claraboya de ventilación. En la oscuridad retozaron en el mayor desorden de los sentidos, con la piel ardiente y el corazón convertido en un cangrejo hambriento. Allí los olores y sabores adquirían una cualidad extrema. Al tocarse en las tinieblas lograban penetrar en la esencia del otro y sumergirse en las intenciones más secretas. En ese lugar sus voces resonaban con un eco repetido, las paredes les devolvían ampliados los murmullos y los besos. El sótano se convirtió en un frasco sellado donde se revolcaron como gemelos traviesos navegando en aguas amnióticas, dos criaturas turgentes y aturdidas. Por un tiempo se extraviaron en una intimidad absoluta que confundieron con el amor.

Cuando Hortensia se dormía, su amante salía a buscar algo de comer y antes de que ella despertara regresaba con renovados bríos a abrazarla de nuevo. Así debieron amarse hasta morir derrotados por el deseo, debieron devorarse el uno al otro o arder como una antorcha doble; pero nada de eso ocurrió. En cambio, sucedió lo más previsible y cotidiano, lo menos grandioso. Antes de un mes Amadeo Peralta se cansó de los juegos, que ya empezaban a repetirse, sintió la humedad royéndole las articulaciones y comenzó a pensar en todo lo que había al otro lado de aquel antro. Era hora de volver al mundo de los vivos y recuperar las riendas de su destino.

—Espérame aquí, niña. Voy afuera a hacerme muy rico. Te traeré regalos, vestidos y joyas de reina —le dijo al despedirse.

—Quiero hijos —dijo Hortensia.

—Hijos no, pero tendrás muñecas.

En los meses siguientes Peralta se olvidó de los vestidos, las joyas y las muñecas. Visitaba a Hortensia cada vez que se acordaba, no siempre para hacer el amor, a veces sólo para oírla tocar alguna melodía antigua en el salterio, le gustaba verla inclinada sobre el instrumento pulsando las cuerdas. En ocasiones llevaba tanta prisa que no alcanzaba a cruzar ni una palabra con ella, le llenaba los cántaros de agua, le dejaba una bolsa de provisiones y partía. Cuando se olvidó de hacerlo por nueve días y la encontró moribunda, comprendió la necesidad de conseguir alguien que lo ayudara a cuidar a su prisionera, porque su familia, sus viajes, sus negocios y sus compromisos sociales lo mantenían muy ocupado. Una india hermética le sirvió para ese fin. Ella guardaba la llave del candado y entraba regularmente a limpiar el calabozo y raspar los líquenes que le crecían a Hortensia en el cuerpo como una flora delicada y pálida, casi invisible al ojo desnudo, olorosa a tierra removida y a cosa abandonada.

—¿No tuvo lástima de esa pobre mujer? —le preguntaron a la india cuando también a ella se la llevaron detenida, acusada de complicidad en el secuestro, pero ella no contestó y se limitó a mirar de frente con ojos impávidos y lanzar un escupitajo negro de tabaco.

No, no tuvo lástima porque creyó que la otra tenía vocación de esclava y por lo mismo era feliz siéndolo, o que era idiota de nacimiento y, como tantos en su condición, mejor estaba encerrada que expuesta a las burlas y peligros de la calle. Hortensia no contribuyó a cambiar la opinión que su carcelera tenía de ella, jamás manifestó alguna curiosidad por el mundo, no intentó salir a respirar aire limpio ni se quejó de nada. Tampoco parecía aburrida, su mente estaba detenida en algún momento de la infancia y la soledad terminó por per-

turbarla del todo. En realidad se fue convirtiendo en una criatura subterránea. En esa tumba se agudizaron sus sentidos y aprendió a ver lo invisible, la rodearon alucinantes espíritus que la conducían de la mano por otros universos. Mientras su cuerpo permanecía escondido en un rincón, ella viajaba por el espacio sideral como una partícula mensajera, viviendo en un territorio oscuro, más allá de la razón. Si hubiera tenido un espejo para mirarse se habría aterrado de su propio aspecto, pero como no podía verse no percibió su deterioro, no supo de las escamas que le brotaron en la piel, de los gusanos de seda que anidaron en su largo cabello convertido en estopa, de las nubes plumizas que le cubrieron los ojos ya muertos de tanto atisbar en la penumbra. No sintió cómo le crecían las orejas para captar los sonidos externos, aun los más tenues y lejanos, como la risa de los niños en el recreo de la escuela, la campanilla del vendedor de helados, los pájaros en vuelo, el murmullo del río. Tampoco se dio cuenta de que sus piernas antes graciosas y firmes, se torcieron para acomodarse a la necesidad de estar quieta y de arrastrarse, ni que las uñas de los pies le crecieron como pezuñas de bestia, los huesos se le transformaron en tubos de vidrio, el vientre se le hundió y le salió una joroba. Sólo las manos mantuvieron su forma y tamaño, ocupadas siempre en el ejercicio del salterio, aunque ya sus dedos no recordaban las melodías aprendidas y en cambio le arrancaban al instrumento el llanto que no le salía del pecho. De lejos Hortensia parecía un triste mono de feria y de cerca inspiraba una lástima infinita. Ella no tenía conciencia alguna de esas malignas transformaciones, en su memoria guardaba intacta la imagen de sí misma, seguía siendo la misma muchacha que vio reflejada por última vez en el cristal de la ventana del automóvil de Amadeo Peralta, el día que la condujo a su guarida. Se creía tan bonita como siempre

y continuó actuando como si lo fuera, de este modo el recuerdo de su belleza quedó agazapado en su interior y cualquiera que se le aproximara lo suficiente podía vislumbrarla bajo su aspecto externo de enano prehistórico.

Entretanto Amadeo Peralta, rico y temido, extendía por toda la región la red de su poder. Los domingos se sentaba a la cabecera de una larga mesa, con sus hijos y nietos varones, sus secuaces y cómplices, y con algunos invitados especiales, políticos y jefes militares a quienes trataba con una cordialidad ruidosa, no exenta de la altanería necesaria para que recordaran quién era el amo. A sus espaldas se rumoreaba de sus víctimas, de cuántos dejó en la ruina o hizo desaparecer, de los sobornos a las autoridades, de que la mitad de su fortuna provenía del contrabando; pero nadie estaba dispuesto a buscar pruebas. Decían también que Peralta mantenía a una mujer prisionera en un sótano. Esta parte de su leyenda negra se repetía con mayor certeza que la de sus negocios ilegítimos, en verdad muchos lo sabían y con el tiempo se convirtió en un secreto a voces.

Una tarde de mucho calor, tres niños se escaparon de la escuela para bañarse en el río. Pasaron un par de horas chapoteando en el lodo de la orilla y luego se fueron a vagar cerca del antiguo ingenio de azúcar de los Peralta, cerrado desde hacía dos generaciones, cuando la caña dejó de ser rentable. El lugar tenía fama de hechizado, decían que se escuchaban ruidos de demonios y muchos habían visto por allí a una bruja desgredada invocando a las ánimas de los esclavos muertos. Exaltados por la aventura, los muchachos se metieron en la propiedad y se acercaron al edificio de la fábrica. Pronto se atrevieron a entrar en las ruinas, recorrieron los amplios cuartos de anchas paredes de adobe y vigas roídas por el comején, sortearon la maleza crecida del suelo, los cerros de basura y mierda de perro, las tejas

podridas y los nidos de culebras. Dándose valor a fuerza de bromas, empujándose, llegaron hasta la sala de molienda, una habitación enorme abierta al cielo, con restos de máquinas despedazadas, donde la lluvia y el sol habían creado un jardín imposible y donde creyeron percibir un rastro penetrante de azúcar y sudor. Cuando empezaba a quitárseles el susto, oyeron con toda claridad un canto monstruoso. Temblando, trataron de retroceder, pero la atracción del horror pudo más que el miedo y se quedaron agazapados escuchando hasta que la última nota se les clavó en la frente. Poco a poco lograron vencer la inmovilidad, se sacudieron el espanto y empezaron a buscar el origen de esos extraños sonidos, tan diferentes a cualquier música conocida, y así dieron con una pequeña trampa a ras del suelo, cerrada con un candado que no pudieron abrir. Sacudieron la plancha de madera que cerraba la entrada y un indescriptible olor a fiera enjaulada les golpeó la cara. Llamaron, pero nadie respondió, sólo oyeron al otro lado un sordo jadeo. Entonces partieron corriendo a avisar a gritos que habían descubierto la puerta del infierno.

El barullo de los niños no pudo ser acallado y así los vecinos comprobaron finalmente lo que sospechaban desde hacía décadas. Primero llegaron las madres detrás de sus hijos a atisbar por las ranuras de la trampa, y ellas también escucharon las notas terribles del salterio, muy diferentes a la melodía banal que atrajo a Amadeo Peralta al detenerse en una callejuela de Agua Santa para secarse el sudor de la frente. Detrás de ellas acudió un tropel de curiosos y por último, cuando ya se había juntado una muchedumbre, aparecieron los policías y los bomberos, que hicieron saltar la puerta a hachazos y se metieron al hoyo con sus lámparas y sus bártulos de incendio. En la cueva encontraron a una criatura desnuda, con la piel flácida colgando en páli-

dos pliegues, que arrastraba unos mechones grises por el suelo y gemía aterrorizada por el ruido y la luz. Era Hortensia, brillando con fosforescencia de madreperla bajo las linternas implacables de los bomberos, casi ciega, con los dientes gastados y las piernas tan débiles que casi no podía tenerse de pie. La única señal de su origen humano, era un viejo salterio apretado contra su regazo.

La noticia produjo indignación en todo el país. En las pantallas de televisión y en los periódicos apareció la mujer rescatada del agujero donde pasó la vida, mal cubierta por una manta que alguien le puso sobre los hombros. La indiferencia que durante casi medio siglo rodeó a la prisionera, se convirtió en pocas horas en pasión por vengarla y socorrerla. Los vecinos improvisaron piquetes para linchar a Amadeo Peralta, atacaron su casa, lo sacaron a rastras y si la Guardia no llega a tiempo para quitárselo de las manos, lo habrían despedazado en la plaza. Para callar la culpa de haberla ignorado durante tanto tiempo, todo el mundo quiso ocuparse de Hortensia. Se reunió dinero para darle una pensión, se juntaron toneladas de ropa y medicamentos que ella no necesitaba y varias organizaciones de beneficencia se dieron a la tarea de rasparle la mugre, cortarle el cabello y vestirla de pies a cabeza, hasta convertirla en una anciana común. Las monjas le prestaron una cama en el asilo de indigentes y durante meses la tuvieron amarrada para que no se escapara de vuelta al sótano, hasta que por fin se acostumbró a la luz del día y se resignó a vivir con otros seres humanos.

Aprovechando el furor público atizado por la prensa, los numerosos enemigos de Amadeo Peralta reunieron por fin el valor para lanzarse en picada en su contra. Las autoridades, que durante años ampararon sus abusos, le cayeron encima con el garrote de la ley. La noticia ocupó la atención de todos durante el tiem-

po suficiente para conducir al viejo caudillo a la cárcel y luego se fue esfumando hasta desaparecer del todo. Rechazado por sus familiares y amigos, convertido en símbolo de todo lo abominable y abyecto, hostilizado por los guardianes y por sus compañeros de infortunio, estuvo en prisión hasta que lo alcanzó la muerte. Permanecía en su celda, sin salir nunca al patio con los otros reclusos. Desde allí podía oír los ruidos de la calle.

Cada día, a las diez de la mañana, Hortensia caminaba con su vacilante paso de loca hasta el penal y le entregaba al vigilante de la puerta una marmita caliente para el preso.

—Él casi nunca me dejó con hambre —le decía al portero en tono de excusa. Después se sentaba en la calle a tocar el salterio, arrancándole unos gemidos de agonía imposibles de soportar. En la esperanza de distraerla y hacerla callar, algunos pasantes le daban una moneda.

Encogido al otro lado de los muros, Amadeo Peralta escuchaba ese sonido que parecía provenir del fondo de la tierra y que le atravesaba los nervios. Ese reproche cotidiano debía significar algo, pero no podía recordar. A veces sentía unos ramalazos de culpa, pero enseguida le fallaba la memoria y las imágenes del pasado desaparecían en una niebla densa. No sabía por qué estaba en esa tumba y poco a poco olvidó también el mundo de la luz, abandonándose a la desdicha.